

O IMPACTO DOS ANIMAIS EM TERAPIAS ASSISTIDAS: EM QUE ESFERAS DA VIDA HUMANA A TERAPIA ASSISTIDA COM ANIMAIS PODE SER BENÉFICA?

Ana Carolina Crivelli Kikuchi Ribeiro¹

Leandra Aurélia Baquião²

Resumo

A relação entre o homem e o animal existe desde os princípios dos tempos, sendo assim, é muito importante compreender o que é a Terapia Assistida com animais, seus métodos, histórico no Brasil e no mundo e como está sendo sua utilização hoje em dia. Entender como se iniciou o processo da relação de confiança entre o homem e o animal, que possibilita este trabalho em conjunto. Pode-se constatar a escolha do tema com grande abrangência e crescimento das áreas de estudo e práticas no mundo, já sendo utilizada no meio acadêmico, em hospitais, clínicas, entre outros. As práticas têm como princípio a entrega e troca de amor com esses animais, e através dessa conexão emocional é possível a constatação de resultados significativos que a Terapia Assistida com animais propõe e cumpre quanto a promoção de saúde e na recuperação de diversas patologias. Este estudo tem como objetivo verificar os resultados dos benefícios às pessoas que utilizam das técnicas da Terapia Assistida com Animais em tratamentos de saúde diversos e também na promoção social, emocional, física, cognitiva e psicológica em pessoas.

Palavras-chave: Animais. Bem-estar. Saúde mental. Terapia Assistida.

Abstract

The relationship between man and animal exists since the beginning of time, so it is very important to understand what Assisted Therapy with animals is, its methods, history in Brazil and in the world and how it is being used today. To understand how the process of trusting relationship between man and animal started, which makes this work together possible. It can be seen that the topic was chosen with great coverage and growth in the areas of study and practices in the world, already being used in academia, hospitals, clinics, among others. The practices have as a principle the delivery and exchange of love with these animals, and

¹ Graduanda do curso de Psicologia Bacharelado no Centro Universitário do Vale do Ribeira.

² Docente de Psicologia do Centro Universitário do Vale do Ribeira.

through this emotional connection it is possible to find significant results that Assisted Therapy with animals proposes and fulfills in terms of health promotion and recovery from various pathologies. This study aims to verify the results of benefits to people who use Animal Assisted Therapy techniques in various health treatments and also in social, emotional, physical, cognitive and psychological promotion in people.

Keywords: Animals. Welfare. Mental health. Assisted Therapy.

Introdução

A relação entre os seres humanos e animais representa um dos eventos mais significativos da história da humanidade. Oriunda desde tempos imemoriais, essa interação humano-animal abrangeu todos os continentes e diferentes culturas em diferentes e diversas épocas da história, algumas relatadas e outras não, e assim, ambos foram evoluindo juntos ao percorrer dos tempos, com as sociedades, povos e culturas. (LAMPERT, 2014).

Segundo Aprobato (2013), foi durante o período Paleolítico que teve início as primeiras relações entre seres humanos e canídeos. A figura feminina teve papel fundamental neste processo, tendo em vista que estudos nos mostram que a interação harmoniosa e a domesticação se deram a partir do instinto maternal feminino, ao acolherem filhotes órfãos e os amamentarem com o próprio leite, unindo-os aos seus grupos e estreitando os laços com seres humanos. (APROBATO, 2013),

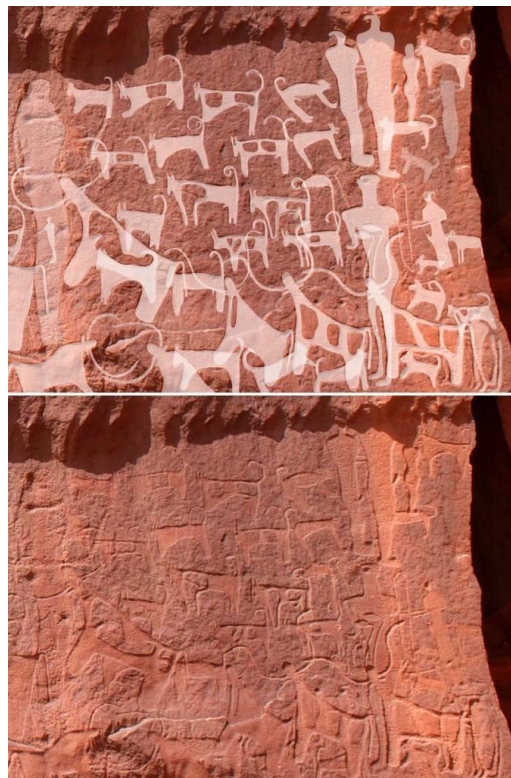
De acordo com Pat Shipman, paleoantropóloga da Universidade Pennsylvania State, nos Estados Unidos, a domesticação contribuiu para que o homem desenvolvesse ferramentas e até a linguagem. "A conexão animal percorre toda a história humana e conecta os outros grandes saltos evolutivos, incluindo ferramentas de pedra, linguagem e domesticação. É muito profundo e muito antigo", aponta Shipman, em artigo publicado na revista *Current Anthropology*. (SHIPMAN, apud, BUENO, 2021).

O convívio com esses animais durante diversos períodos da história fizeram não só com que uma ligação emocional fosse feita, mas também o desenvolvimento de uma linguagem rupestre expressa através de imagens desenhadas em cavernas; Ferramentas eram desenvolvidas a partir de matérias primas vindas desses animais. A princípio, os animais serviam a essas sociedades antigas como forma de alimento com suas carnes, suas peles serviam de vestimentas quentes para os rigorosos e longos invernos, seus ossos como ferramentas, instrumentos para caça, para batalhar, eram utilizadas como armas, eram muitas vezes moldadas, soldadas pelos homens, seu sangue era utilizado para desenhar e representar

as gravuras rupestres nas paredes rochosas das cavernas; A partir disso, os animais começaram a se aproximar desses povos, buscando também acolhimento, e esses povos foram os recebendo e utilizando-os ao seu favor, como vacas proviam para o sustento do leite, cães serviam para auxiliar na caça, galinhas proviam ovos, então o ser humano percebeu a importância de manter aqueles animais por perto e de sua relação com eles. Com o passar do tempo, ocorreu à domesticação desses animais e diversos outros, como por exemplo, o cão. Há registros de desenhos rupestres, de Homo Sapiens da era Neolítica que demonstram nestes registros cães sendo utilizados para a caça. (SHIPMAN, apud, BUENO, 2021).

Cenas entalhadas em pedra encontradas recentemente na região de Shuwaymis, na Arábia Saudita, retratam grupos de cães sendo usados por caçadores humanos para capturar gazelas e um íbex-da-núbia – um tipo de cabra típico do Oriente Médio. As representações foram produzidas entre 9.000 a.C. e 8.000 a.C., e são o mais antigo registro gráfico da domesticação do melhor amigo do homem. (VAIANO, 2017).

Figura 1: Imagens rupestres de cães amarrados a coleiras na espécie humana no período Neolítico na Arábia Saudita.



Fonte: Super Interessante, 2017.

A região de Shuwaymis, no nordeste da península arábica, é repleta de colinas, que no período Neolítico provavelmente foram cortadas por rios e cobertas por uma vegetação bem mais densa que a permitida pelo clima desértico atual. Maria Guagnin, líder do estudo, explora a Arábia Saudita há três anos, e já descobriu 1,4 mil painéis de rocha, em que estão representados mais de 7 mil animais de todas as

espécies. As que contém cachorros, em geral, são de um período de transição entre a ocupação da península por povos caçadores e coletores, por volta de 10000 a.C., e a adoção da pecuária após 8000a.C. Nessa época, a criação de animais domésticos grandes e dóceis para a alimentação (como vacas, ovelhas e cabras) tirou o “emprego” dos cães de caça. (VAIANO, 2017).

Figura 2: Imagens de outros tipos de animais, encontradas em pedras na Arábia Saudita.



Fonte: Super Interessante, 2017.

A criação desse vínculo também foi muito importante quando o ser humano passou a utilizar esses animais não só como ferramentas de auxílio no dia a dia, mas também como companheiros. Isso permitiu que a partir desse convívio próximo, esses animais fossem evoluindo junto com os seres humanos, participando juntos da história e provendo vantagens como troca de carinho, interações sociais e físicas, possíveis através do processo de domesticação, que persiste ainda hoje e cada vez mais. Hoje em dia é mais comum ver famílias com grandes números de animais de estimação do que com filhos por exemplo. Alves (2010) diz que até mesmo pessoas em situações adversas, como moradores de rua, por exemplo, têm animais de estimação e tendem a criar laços amigáveis e familiares com estes. (ALVES, 2010)

Segundo Civita (2008), o que facilitaria essa interação entre o ser humano e os animais, é o fato de apesar da comunicação ser não verbal, os animais de estimação tendem a criar uma estrutura de amizade menos estressante e mais espontânea, visto que estes não tem o poder de julgar, contradizer ou avaliar seus donos (CIVITA, 2008, apud, LAMPERT, 2014).

(...) E a valorização imputada aos animais nos grupos humanos é singular; a eles são atribuídas melhorias das condições físicas e psicológicas das pessoas (FARACO; SEMINOTTI, 2004, apud, LAMPERT, 2014). Por isso, Caetano (2010), afirma locais do cotidiano em que os animais já fazem parte e estão se expandido cada vez mais, como hospitais, escolas, e instituições (CAETANO, 2010). Assim como Martins (2006), traz inclusive a presença de animais em estudos acadêmicos em diferentes níveis de ensino. Podemos ver assim, o quão benéfico os animais demonstram ser ao ser humano, através do psicológico, emocional, sensorial, e com grande participação na saúde, que vem crescendo cada vez mais estudos no Brasil e mundo a fora. (MARTINS 2006, apud LAMPERT, 2014).

Conforme essa experiência com animais nos âmbitos da saúde, de estudos acadêmicos vem crescendo, animais estão sendo utilizado como uma prática a mais na prevenção e controle da saúde mental e psicológica e vem sido trazida como recurso terapêutico. De acordo com Vivaldini (2011), no Brasil, em 1950, na cidade do Rio de Janeiro, em um hospital psiquiátrico, com o aparecimento de vários cães no recinto, a Dra. Nise da Silveira se aproveitou do contato e do carinho dos pacientes para com os animais que ficavam no pátio da instituição, e os utilizou como uma forma de tratamento psiquiátrico nesses pacientes. Os pacientes eram liberados de forma livre para conviver e acariciar esses animais, dispor alimentação a eles, dar banhos como forma de criar uma responsabilidade para com os animais (VIVALDINI, 2011). Segundo Lima e Souza (2004), vários profissionais da saúde estão utilizando diferentes tipos de técnicas que envolvem a presença e a utilização de animais em seus meios para proporcionar uma melhora de saúde física em pessoas, levando o sentimento de felicidade, diminuindo estados como o de solidão por diversas causas e auxiliando em um melhoramento de condições físicas e psíquicas de forma geral (LIMA E SOUZA, 2004). “No Brasil utiliza-se a equoterapia, que é o uso de cavalos como recurso terapêutico” (COPETTI, MOTA, GRAUP, MENEZES & VENTURI, 2007, apud, GIUMELLI; SANTOS, 2016, pg. 49), “a Terapia Assistida por Animais e a Atividade Assistida por Animais” (DOTTI 2005, apud GIUMELLI; SANTOS, 2016, pg. 49). Essa interação com os animais apareceu também na mitologia, com deuses que tinham a composição de animais misturados com humanos, representando valores, proteção e esperança (DOTTI, 2005 apud, GIUMELLI; SANTOS, 2016). Atualmente, é possível verificar que os animais estão presentes e possuem papel muitas vezes ativo em desenhos animados, filmes, livros e propagandas (GARCIA, 2009).

A relação entre homem e o animal

Segundo Lampert (2014), através de pesquisas, testes e muita observação, o simples fato de acariciar um animal é capaz de fazer milagres. O que a autora Lampert traz nesse pequeno trecho, é que através do convívio com esses animais puros, livre de julgamentos, espontâneos, o ser humano é capaz de experienciar sentimentos como amor, sensações de prazer, alegria, felicidade, de companhia, acolhimento e segurança (LAMPERT, 2014). Segundo Serpell (1993), os animais não são apenas fontes de apego e afeto, mas também podem ter outras funções que os são confiadas, por partilharem dessa troca de amor, cumplicidade, segurança e confiança. Como membros da família, protetores, pastores de rebanhos, guias de portadores de necessidades especiais, dentre outros. (SERPELL, 1993)

No Brasil, essa convivência pode ser avaliada através estimativas populacionais que indicam a existência de 27 milhões de cães e 11 milhões de gatos como animais de estimação. Esses dados oferecem sustentação à ideia de que a vida humana, compartilhada com os animais, está instituída como uma nova forma de existência, que atende as necessidades atuais de determinados grupos de pessoas (FARACO et al, 2004).

A inteligência emocional desses animais é um dos fatores mais apontados que contribuem para essa relação benéfica, despertando sentimentos e comportamentos considerados como bons nos seres humanos. Segundo Barker (1998), pesquisas revelam que algumas pessoas relataram melhora na qualidade de vida psicológica e emocional após a introdução de seus animais de estimação, melhoras inclusive dentro do convívio familiar, diminuindo situações de tensão e aumentando a compaixão dos membros familiares.

O contato com os animais pode auxiliar o homem em sua busca pelo conhecimento de si, no estabelecimento de sua identidade e na descoberta de suas próprias “realidades animais”. Eles podem representar a única ponte de ligação do homem com um mundo autêntico, sem hipocrisias, corporativismo ou mediocridade (ODENDALL, 2000, apud, ALMEIDA et al, 2010).

Os animais têm características que ainda precisam ser amplamente estudadas. Eles podem captar nossos sentimentos, expectativas e intenções, além de serem capazes de reconhecer nossa linguagem corporal e por meio dela captar nosso estado de espírito. Também por meio das alterações químicas que ocorrem em nosso organismo podem identificar como está nosso humor, nossa saúde e nosso estado geral uma vez que possuem o olfato mais apurado que o nosso, além de captar frequências sonoras não detectáveis para o ser humano (DUKES, 1996 apud, ALMEIDA et al, 2010).

Os estudos científicos sobre os benefícios que eles trazem ao ser humano começaram por volta da década de sessenta, tanto em situações especiais, quanto em instituições (prisioneiros deficientes físicos e mentais), ou em momentos importantes da vida, como infância, adolescência, separação, viuvez e velhice. Desde então, acumulou-se um vasto conhecimento sobre a relação humano-pets em nível familiar e social, bem como o significado de pets em nossas vidas. E, com isso,

podem-se desenvolver técnicas utilizando cães como co-terapeutas em terapias individuais e familiares (COUTINHO et al, 2004, apud ALMEIDA et al, 2010).

Segundo Coutinho (2004), esses animais oferecem tanto melhorias na saúde mental como para a saúde física. Desde o relaxamento causado ao acariciar seu animal, a TAA, e cães que auxiliam pessoas com deficiências. (COUTINHO, 2004, apud ALMEIDA et al, 2010).

Figura 3: Carinho em meio às adversidades.



Fonte: Hypescience, 2014.

Estudos publicados no American Journal of Cardiology mostram que pessoas que convivem com animais de estimação apresentam níveis de estresse e de pressão arterial controlados, e estas tem menor chances desenvolver problemas cardíacos. (VICÁRIA, 2003).

Berzins (2000) observou uma redução do tempo de recuperação das doenças e uma maior sobrevida para as pessoas que possuem animais de estimação e que foram submetidos à cardiopatia isquêmica. A presença do animal induz a atividade física, com a realização de atividades diárias, como levá-los a passear e conseqüentemente redução da ansiedade e a pressão arterial, conforme comprovam estudos efetuados nos Estados Unidos e na Europa. (BERZINS, 2000).

Um exemplo relatado por Vicária (2003) é o de uma secretária de 37 que usou a zooterapia. Hipocondríaca, ela chegava a ingerir 15 cápsulas de remédio num único dia. Seu médico receitou Dulce, uma coelha cinza que tem problemas de locomoção.

Experiências realizadas com cães na prisão feminina de Purdy, Estados Unidos, que consistem ocupar as detentas com adestramento de cachorros, obtiveram resultados surpreendentes, pois as mulheres não voltaram a cometer mais crime depois de soltas e os animais saíram preparados. Esse projeto vem sendo copiado em mais de 50 penitenciárias no mundo (VICÁRIA, 2003).

“Com relação aos benefícios emocionais, eles incluem uma diminuição significativa de distúrbios psicológicos” (STRAEDE, 1993, apud, ALMEIDA; ALMEIDA, 2010, pg. 2), “reduz o sentimento de solidão, aumenta os sentimentos de intimidade e constância” (ZASLOFF, 1994, pg. 2).

Atualmente, em muitas casas, segundo Walsh (2009), encontram-se um ou mais animais, e que na maioria das vezes, são considerados e tratados como membros da família, devido a tamanho apego e afeto desenvolvido entre essas famílias e esses animais. (WALSH, 2009, apud GIUMELLI; SANTOS, 2016). Segundo Tatibana e Costa-Val (2009), crianças que convivem com animais de estimação se tornam mais afetivas, solidárias, sensíveis, com maior senso de responsabilidade, e compreendem melhor o ciclo vida-morte. (TATIBANA; COSTA-VAL, 2009).

Algumas pessoas idosas tratam os animais de estimação como membros da própria família. Ter um animal de estimação nessa fase da vida pode promover alívio e conforto em momentos de perdas e mudanças, que são comuns nessa etapa, além de possibilitar uma melhor auto-estima, e estimular a convivência social (COSTA, 2006).

“A presença do animal de estimação no lar pode estimular também pessoas sedentárias e obesas a realizarem exercícios físicos” (TATIBANA; COSTA-VAL, 2009, pg. 15).

Segundo Serpell (1993), estudos vêm trazendo a comprovação de benefícios na saúde e no comportamento do ser humano através do contato com os animais. E alguns dos benefícios, são significativamente duradouros. (SERPELL, 1993).

Entretanto, em alguns casos, o que parece funcionar para o ser humano, às vezes não se trata de uma relação mútua com o animal. Apesar dos benefícios auxiliados aos seres humanos, como diversos citados a cima, os animais ainda são vistos como seres inferiores e o homem com seu instinto controlador, tende a controlar a vida desses animais. Atualmente são incontáveis e desgastantes casos em nossas sociedades sobre maus tratos a animais, de diversos aspectos, vão desde o abandono, violência física, falta de alimentação e água potável, falta de carinhos e cuidados de saúde e higiene, até mesmo mutilações, mortes, entre outros.

(ALMEIDA et al, 2010). Enquanto muitas vezes o animal doa tudo de si, não há um mínimo retorno do ser humano nesses casos. Segundo Almeida, et al (2010), esses animais são transformados até mesmo em alimentos, em lugares como a Indochina, América Central e do Norte, partes da África e algumas ilhas do Pacífico. (ALMEIDA et al, 2010), As práticas de maus tratos de animais são muito comuns na história da humanidade e perduram até hoje. E não é raro deparamos com situações de maus tratos aos animais domésticos ou domesticados. (ESTRELLA, 2008, apud, ALMEIDA et al., 2010).

O ser humano com o processo de civilização conseguiu desequilibrar todo o ecossistema e em relação ao animal exacerbou sua relação de poder, autoritarismo, mesmo quando essa relação se mostra cheia de afeto, como é o caso dos animais de estimação. O dono acarinha seu animal quando deseja; pela castração, controla suas funções sexuais. E o dono tem poder para decidir sobre a sua liberdade e de até sobre sua vida e sua morte. (FRANCO, 2001, apud, ALMEIDA et al, 2010).

Há a importância significativa de mostrar os dois lados da relação, vista, como forma de demonstração e conscientização contra esse lado nocivo da relação e amizade entre humano e animal. Mas percebe-se que apesar desse fato, há grandes contribuições para a vida humana essa amizade com os animais e que por conta disso, a necessidade de estudos e mais descobertas na área vem crescendo de forma muito rápida. Há benefícios tanto para o homem, quando para o animal, quando bem tratado, recebe um lar, atenção, carinho, uma boa alimentação, consultas veterinárias, medicações, subsídios estes que também provem felicidade e bons resultados emocionais, psicológicos e de saúde para o animal em questão. (ALMEIDA, 2010).

Segundo os estudos testados e apresentados por Giumelli e Santos (2016), as autoras apontam alguns dos diálogos trazidos por donos de animais a respeito das sensações em relação ao convívio e ao animal, onde indicam que a respeito dos benefícios sobre ter um animal em casa, o elemento mais citado foi a alegria, seguido do companheirismo. Já sobre o sentimento na interação com o animal foi ressaltado o sentimento de carinho. Quanto ao tempo que dedicam aos seus animais, os entrevistados relatam que sempre que podem estar em casa, optam por passar tempo com seus animais. Todos os entrevistados relatam que tem uma convivência com animais desde pequenos, e que isso promove ainda mais essa interação, esse amor, e esses benefícios, pois, nem se quer sabem como seria viver uma vida sem animais, então, para eles, é algo natural, inserido desde sempre em suas vidas. Relatam sobre esses animais, como membros da família. E por fim, relatam como seria horrível e triste viver sem animais em casa (GIUMELLI E SANTOS, 2016).

Figura 4: Amor puro, sem interesses.



Fonte: Hypescience, 2014.

Nise da Silveira e os animais na Psiquiatria

Figura 5: Nise e seu amor por animais.



Fonte: Blog Divulga Ciência, 2015.

Segundo o jornal A Voz da Serra (2014), a Dra. Nise da Silveira, foi uma médica psiquiatra (1905-1999) aluna e confidente de Carl Gustav Jung, psiquiatra e psicoterapeuta suíço responsável por fundar a psicologia analítica (ABDO, 2017). Nas décadas de 50 e 60, Nise foi contratada como médica psiquiatra no Centro Psiquiátrico Pedro II, localizado no Engenho de Dentro, na cidade do Rio de Janeiro. Ao se deparar com as formas de tratamento

disponíveis no local e na época, foi totalmente contrária àquelas formas agressivas utilizadas em sessões de eletrochoque, insulino-terapia e lobotomia, demonstrando sua insatisfação, isto fez com que os outros médicos a afastassem de suas especialidades médica, e rebaixando-a ao cargo de terapeuta ocupacional. Dentro do desenvolvimento deste trabalho, Nise inaugurou uma ala dentro do hospital como um tipo de ateliê de pinturas e modelagens com a intenção de possibilitar aos doentes reatar seus vínculos com a realidade através da expressão simbólica e da criatividade, revolucionando a então psiquiatria aplicada no país (JORNAL A VOZ DA SERRA, 2014). Reunindo os feitos dos internos, e maravilhada com as obras, Nise, em 1952 funda o Museu do Inconsciente, no qual expos as obras dos internos e mandou fotos para Jung, seu professor, com quem trocava correspondências. Durante as exposições, Nise relatava e retratava a melhora de seus pacientes e seus feitos significativos e o que tentavam expressar através de suas obras. Nise foi a brasileira pioneira a iniciar o tratamento de pacientes esquizofrênicos e as relações emocionais destes com animais. Ao achar uma cadelinha desnutrida e abandonada aos redores do hospital, levou-a para dentro, e percebendo a interação dos pacientes com esta, a facilidade na qual os internos esquizofrênicos tinham em entrar em contato com aqueles animais, resolveu implementar a tentativa de um contato maior entre os pacientes e cães e gatos. A cachorrinha foi nomeada como Caralâmpia. E era cuidada pelos internos. Após isso, outros inúmeros animais chegaram ao recinto, sendo adotados por Nise e os internos, que tinham em suas rotinas o cuidado com esses animais, como alimentá-los, dar banho, limpar suas necessidades e acariciá-los. Diante deste trabalho, Nise apresenta o conceito de afeto catalisado. Os animais nesse caso eram grandes catalisadores, segundo ela, eles reúnem qualidades que os fazem aptos a tornar-se ponto de referência estável no mundo externo, facilitando a retomada de contato com a realidade. (ALTHAUSEN, 2021 apud JORNAL A VOZ DA SERRA, 2014). Os animais eram chamados de co-terapeutas, e Nise dava grande crédito aos animais, pois eles serviam de pontos de apoio considerados como seguros pelos internos, e ajudavam com que os doentes a partir desse contato, pudessem reorganizar-se psiquicamente. Pacientes esquizofrênicos tendem a ter fugas da realidade, e esses animais estavam sempre por perto, os internos os consideravam seguros e como amigos, uma presença não invasiva, isso auxiliava trazendo esses pacientes para fragmentos da realidade do mundo externo.

Excelentes catalisadores são os co-terapeutas não humanos. Desde a adoção da pequena cadela Caralâmpia (...) verifiquei as vantagens da presença de animais no hospital psiquiátrico. Sobretudo o cão reúne qualidades que o fazem muito apto a tornar-se um ponto de referência estável no mundo externo. Nunca provoca frustrações, dá incondicional afeto sem nada pedir em troca, traz calor e alegria ao frio ambiente hospitalar. Os gatos têm um modo de amar diferente. “Discretos,

esquivos, talvez sejam muito afins com os esquizofrênicos na sua maneira peculiar de querer bem”. (SILVEIRA, 1982, p. 81 apud CAETANO, 2010).

Figura 6: Nise e alguns de seus pacientes no hospital psiquiátrico.



Fonte: Valor Econômico, 2017.

Em sua obra, a médica faz referência a outros casos em que ocorrem relações afetivas entre pacientes e animais: Abelardo, paciente temido por sua irritabilidade e força física, assumia postura tranquila e centrada quando tomava conta de alguns cães e gatos, mostrando-se apto a cuidar deles e investir afeto. Já a paciente Djanira teve sua capacidade criativa como pianista retomada por meio da relação com bichos. Nem sempre, porém, as relações eram amistosas. "Os animais recebem também projeções de conteúdos do inconsciente, que os tornam alvos de ódio ou temor excessivo", escreveu a psiquiatra. (JORNAL A VOZ DA SERRA, 2014).

Em 46 anos de trabalho, a Dra. Nise mandou a maior parte dos seus pacientes de volta pra casa, curados. Cães e gatos, chamados por ela de “co-terapeutas”, faziam companhia a pessoas antes trancadas em si mesmas e que pouco a pouco tornavam a olhar o mundo lá fora. É que o amor silencioso dos bichos abre portas. (XANADU, 2015).

Porque passei pela prisão, eu compreendo as pessoas e os animais que estão doentes, pobres, que sofrem. Eu me identifico com eles. Sinto-me um deles. (XANADU, 2015).

Figura 7: Imagem do filme brasileiro Nise, O Coração da Loucura. Nise e seus pacientes psiquiátricos no filme.



Fonte: PCD em Foco Blog, 2017.

Os animais na Psicologia

De acordo com Garcia (2009), atualmente, o psicólogo é um dos profissionais da área da saúde que menos trabalha com a TAA e com os animais, sendo as áreas mais fortes nesse quesito: médicos, fisioterapeutas, veterinários, fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais. E sendo também, para eles, e advindo deles, a maioria dos materiais a respeito dessa prática. No entanto, visto que o trabalho com esses animais causa grandes impactos psicológicos e emocionais quando utilizado, se da à importância da multidisciplinaridade neste contexto e a inserção da atuação do psicólogo, pois, ele que será o profissional capaz de lidar com as demandas psicológicas que aparecerão ao decorrer desse tipo de terapia. E também vale ressaltar que o psicólogo, apesar de pouco utilizar esse método, de acordo com o CRP ele é apto para tal prática assim como os outros profissionais citados acima. Entretanto, não é necessário um curso de nível superior para tal prática. (GARCIA, 2009).

O psicólogo, ao utilizar o animal como recurso terapêutico, possui como um dos principais benefícios o estabelecimento do vínculo com o paciente, principalmente para aqueles que por algum motivo possuem dificuldades de comunicação e expressão, como crianças autistas, esquizofrênicos, pessoas com fobias e idosos. Por meio da espontaneidade do animal a pessoa pode ser estimulada e motivada a fazer algo sem se sentir forçada, possibilitando que o psicólogo inicie seu trabalho (VOLPI & ZADROZNY, 2012 apud GIUMELLI; SANTOS, 2016).

De acordo com Maciel e Gomes (2018), a TAA vem conquistando grandes benefícios à saúde psicológica demonstrando eficácia em estudos referentes à crianças com transtornos psicológicos como depressão, ansiedade e casos de isolamento. A TAA funciona nesses casos

através da ocitocina liberada quando há o contato dessas crianças com os animais, a ocitocina é o hormônio responsável pela felicidade, sendo liberada, pode ter um poder analgésico, essa felicidade pode causar uma diminuição momentânea dos sintomas de tristeza, ansiedade e melhorar o desenvolvimento social no momento da atividade com o animal e com os adultos presentes no momento. “Nesse sentido, os animais ultrapassam a função de animais de estimação para atuarem como curadores das pessoas com as quais estão em contato”. (MACIEL; GOMES; 2018, pg. 1). As autoras citam que o tratamento com animais é eficaz em queixas emocionais e psicológicas, e deve ter o acompanhamento de um profissional capacitado para caso haja o desligamento da atividade e a separação do animal, a criança pode sofrer e acarretar uma piora em seu quadro de saúde.

De acordo com Bastos (2018), a partir do reconhecimento da TAA com a sua comprovação científica através de estudos e resultados, produções acadêmicas, a TAA pode ser um fazer científico juntamente com a Psicologia, que pode recorrer a animais como: cavalos, cães, gatos, peixes, aves, reptes e roedores. (CHELINI, OTTA, 2016 apud BASTOS, 2018).

Visto sua comprovação científica e resultados que demonstram a obtenção de resultados satisfatórios, a TAA pode ser incluída no desenvolvimento de um trabalho terapêutico aplicado por um psicólogo, visto que além da liberação hormonal que pode auxiliar em casos específicos de transtornos psicológicos, também há a contribuição de diversas formas terapêuticas que fazem parte do processo desenvolvido pelo psicólogo, como a fala, o afeto, a simbolização daquele animal para o paciente, o direcionamento de objetos direcionados do paciente ao animal, entre outros, fazendo com que os animais auxiliem o andar e o desenvolver das sessões psicoterapêuticas trazendo à tona a observação do profissional a história dos sintomas. (BORBA, 2015; YAMAMOTO, et al, 2012; DOTTI, 2014 apud BASTOS, 2018).

Segundo Bastos (2018), o que sustenta o efeito terapêutico na prática com o animal, não são as técnicas em si que são utilizadas, mas sim o vínculo entre o paciente e o animal. (BORBA, 2015 apud BASTOS, 2018).

Borba (2015), afirma que o vínculo entre o paciente e o animal pode trazer à tona na percepção do terapeuta elementos que fugiram da observação e da instrumentação. (BORBA, 2015 apud BASTOS, 2018).

Hack & Santos (2017) afirmam que na psicologia, a comunicação é parte fundamental durante os tratamentos, e os cães são bons aliados para facilitar esse processo. (JORGE et al, 2018).

Terapia Assistida por Animais

Segundo Caetano, a organização Delta Society preocupou-se em disponibilizar uma nomenclatura de acordo com as práticas com animais, a qual conseguisse comprovar a credibilidade e profissionalismo necessários para o desenvolvimento e realização dessas práticas, definindo essa interação como Atividade Assistida por Animais e Terapia Assistida por Animais. (DOTTI, 2005, apud, CAETANO, 2010).

A TAA é realizada por profissionais capacitados da área da saúde, que utilizam o animal como ferramenta terapêutica, com o objetivo de desenvolver e melhorar as condições físicas, sociais, emocionais e cognitivas de pessoas. Existe também a Atividade Assistida por Animais (AAA) que são visitas do animal que ocorrem de forma esporádica e possuem o objetivo de entretenimento e recreação (DOTTI, 2005, apud, CAETANO, 2010).

De acordo com Lantzman (2014), na AAA não é necessário o acompanhamento médico ou da saúde junto do animal durante as visitas, que podem ser feitas de forma semanal. (LANTZMAN, 2014, apud, CAETANO, 2010). Segundo Abreu et al (2008) a intenção da AAA seria causar uma movimentação e gerar entretenimento, melhorando a qualidade de vida da pessoa. Já na TAA, segundo Abreu et al (2008), a prática, diferentemente da AAA, exige que haja o acompanhamento de um profissional da saúde junto com o animal durante as visitas, visto que o animal é como se fosse uma parte de um tratamento maior. E segundo Lampert (2014), deve ser aplicada por uma equipe multidisciplinar.

Ainda de acordo com Abreu et al (2008), além do acompanhamento do profissional de saúde, é necessário que haja o acompanhamento do médico veterinário o qual o animal deve ser consultado periodicamente para que este faça uma avaliação geral do animal, mensurando a saúde e o comportamento do animal que participará de uma TAA.

Leal e Natalie (2007), consideram que as intervenções que utilizam a participação de animais como a AAA e a TAA possuem objetivos diretos de promover atividades que contribuam para a saúde e o bem-estar dos indivíduos, tanto com função motivacional, educacional, lúdica ou terapêutica, assim como o de melhorar o funcionamento físico, social, emocional e cognitivo. (LEAL; NATALIE, 2007, apud, CAETANO, 2010).

Segundo Machado et al (2008), (...) o animal é parte principal do tratamento. Ela parte do princípio de que o amor e amizade que podem surgir entre seres humanos e animais geram inúmeros benefícios.

Conforme Chagas et al (2009), nessas terapias são utilizados todos os tipos de os animais que possam entrar em contato com o homem sem causar-lhes perigo. (CHAGAS et al, 2009, apud, CAETANO, 2010).

Chagas et al (2009, p. 2) destacam que a participação de vários animais em contato com as pessoas em tratamento faz com a interação seja direta e expressiva, pois há a oportunidade do toque, do contato com o animal, que é para eles prazeroso, e, desta forma, “são promovidas experiências emocionalmente satisfatórias que aumentam sua motivação para aprender, experimentar e explorar, modificando gradualmente seu comportamento, predispondo-o a melhora da saúde e do bem-estar”.(CHAGAS et al, 2009, apud, CAETANO, 2010).

Duas propostas de explicação para a influência dos animais na saúde humana são a Biofilia e a Teoria de Apoio Social. (BECK; KATCHER, 2003, apud, FARACO et al, 2009). A hipótese da Biofilia foi cunhada por Edward O. Wilson e afirma que durante a maior parte da evolução humana, a condição física da espécie foi desenvolvida na direção de ampliar as capacidades de caçar animais e localizar as fontes de alimentos vegetais. (KATCHER, WILKINS, 1993, apud, FARACO et al, 2009). Assim, o aparato encefálico teria sido desenvolvido com uma predisposição para focar a atenção em animais e nos estímulos e propriedades do ambiente circundante. (FARACO et al, 2009).

Já a Teoria de Apoio Social, outra perspectiva teórica é apoiada por um grande volume de investigações que descrevem os efeitos positivos para a saúde humana do companheirismo social. (LYNCH, 2000, apud, FARACO et al, 2009). Os animais são comprovadamente uma fonte de apoio social, como é expresso na afirmação de que o animal de estimação é considerado “um membro da família”, bem como, nas evidências de facilitarem e promoverem o contato interpessoal e, por consequência, aumentarem a frequência de apoio humano social. (EDDY et al, 1988, apud, FARACO et al, 2009).

História da TAA

Na antiguidade, Sócrates a partir do contato do ser humano com seu cavalo, defendia o benefício dessa relação, antes mesmo dos primeiros relatos com animais usados com fins terapêuticos, no ano de 1699. (DOTTI, 2014, apud, BASTOS, 2018).

De acordo com Pereira et al (2007), em YorkShire, Inglaterra, 1972, uma clínica psiquiátrica criou o York Retreat, um espaço de tratamento para pacientes com doenças mentais, como esquizofrênicos, no qual eram utilizadas como forma de terapias: jardinagem, exercícios e o uso de animais domésticos afim de que essas práticas influenciassem seus pacientes para que eles vestissem-se, movimentassem e comunicassem-se.

Em 1830, programas de caridade já identificavam os animais como promotores de uma atmosfera mais leve para os doentes mentais internado no hospital Bethem na Inglaterra. Animais foram usados para tratamento de epiléticos em 1867, em Bethel. Nos Estados Unidos, em 1944, cães foram usados terapêuticamente, no Hospital da Força Aere Convalescente, com a finalidade de promover bem estar aos internados (DOTTI, 2005, apud, NOGUEIRA et al, 2019).

De acordo com Lampert (2014), em 1944, num hospital das Forças Armadas na cidade de Dutches, próxima a Nova York, foi onde ocorreram as primeiras sessões de TAA, utilizada com o intuito terapêutico com soldados traumatizados que haviam voltado da Segunda Guerra Mundial e foram levados a uma zona rural para conviver com animais como cavalos, bois e galinhas. (CAÇADOR, 2014 apud LAMPERT, 2014).

Já em 1962, Boris Levinson, foi considerado o precursor da prática após escrever sobre o uso desta na prática da psicologia e os benefícios obtidos com a cinoterapia (terapia com cães) (DOTTI, 2005, apud, PEREIRA et al, 2007). Boris estava a atender uma criança em seu consultório, quando seu cachorro invade o consultório, e uma criança antes pouco comunicativa, passa a interagir através da fala com seu cachorro, ajudando no desempenho da sessão. (CHELINI; OTTA, 2016 apud BASTOS, 2018).

O primeiro estudo científico dessa atividade terapêutica foi publicado em Nova York no ano de 1961 pelo psicólogo e psicanalista Boris Levinson, o auxílio de seu cão chamado “Jingles”, ajudou a restaurar a saúde mental de muitas crianças com distúrbios emocionais (STEVENSON, 1983 apud LAMPERT, 2014).

Na década de 50, a prática chega ao Brasil através da Dra. Nise da Silveira, no hospital psiquiátrico Nacional Pedro II, a TAA foi utilizada como uma das formas de terapia ocupacional proposta pela médica no tratamento de pacientes esquizofrênicos e com outras doenças mentais. (GULLAR, 1996 apud LAMPERT, 2014).

O psiquiatra Michael J. McCulloch, percebeu que alguns pacientes levavam seus animais à consultas veterinárias afirmando que os animais vivenciavam tais sintomas, e a partir de sua observação, percebeu que na verdade os sintomas estavam presentes nos pacientes e não em seus animais. Seus estudos nessa área seguiram, e a partir disso ele funda o Delta Society, fundação para trabalhar as intervenções assistidas por animais. (IBDEM apud BASTOS, 2018).

Na década de 90, estas intervenções com participações de animais, denominadas AAA/TAA, começaram sua trajetória edificando uma estrutura que tem como base algumas normas e padrões, que foram implantados a partir do organismo "Delta Society", nos Estados Unidos da América, espalhando-se pelo mundo. (CAETANO, 2010).

A partir desses três marcos, consolidasse a TAA de forma científica. (BASTOS, 2018).

De acordo com Pereira et al (2007), as práticas da TAA ainda são pouco aplicadas no Brasil, mas em países como Estados Unidos, Austrália, países europeus, e o Egito, já é bastante conhecida e utilizada. Em São Paulo, alguns hospitais oferecem a visitação de animais. E algumas instituições de ensino oferecem cursos sobre a TAA.

No sistema único de saúde brasileiro, SUS, foi implementado um programa de humanização hospitalar, que conta com a visita de animais para crianças internadas por longos períodos, para distraí-las das condições diárias. Crianças em tratamentos por causa de alguns tipos de câncer, como a leucemia. (BRASIL, 2012 apud LAMPERT, 2014).

Funcionamento da TAA

Dentro do escopo já explicado, um grupo de pessoas com profissionais da área da saúde humana e animal pode iniciar um programa, sem mesmo registrá-lo ou ter qualquer envolvimento com documentos oficiais de uma organização, temporariamente. Isso é claro, para se ter experiência de alguns meses, antes de oficializar a organização. Toda estrutura explicada anteriormente pode ser criada, mas não registrada até que se tenha a indicação e a certeza da continuidade do trabalho. Esse formato não isenta qualquer participante, ou o conjunto deles, de suas responsabilidades, podendo responder juridicamente pelas ações que couberem, por meio de termos de responsabilidade que devem ser apresentados às instituições. Recomenda-se, ainda, que esses grupos observem e participem de organizações já estabelecidas, antes de iniciarem seus trabalhos, para adquirirem experiência (DOTTI, 2005, p. 49. apud, CAETANO, 2010).

De acordo com Caetano (2010), uma das partes mais importantes para se realizar esse trabalho é conferir o animal, em todas suas especificidades, de acordo com a vasta variedade de animais que pode ser usada no recurso terapêutico (CAETANO, 2010).

Conforme Chagas et al (2009), nessas terapias são utilizados todos os tipos de os animais que possam entrar em contato com o homem sem causar-lhes perigo. Entre os escolhidos pelos profissionais envolvidos nos tratamentos estão o gato, o coelho, a tartaruga, o pássaro, peixes diversos, o cão, o cavalo e inclusive animais exóticos como iguana e camaleão, ou diferenciados como a chinchila, a cobaia, o hamster. Dos mais utilizados entre eles é o cão, assim como o cavalo, em terapias denominadas de Cinoterapia e Equoterapia (...) (CHAGAS, 2009, apud, CAETANO, 2010).

De acordo com Oliveira (2007), é imprescindível que o animal seja escolhido de acordo com a especificidade do caso da pessoa a qual o tratamento terapêutico será direcionado, a fim de garantir melhores aproveitamentos e melhorias na saúde deste. (OLIVEIRA, 2007 apud CAETANO, 2010).

Por este pensamento, cada animal tem suas próprias características, vantagens e desvantagens. Por exemplo, não se pode nunca trabalhar com cães, gatos e animais de pelo longo ou espesso com pacientes alérgicos. Devem ser escolhidos animais pequenos de pelo liso, aves ou mesmo peixes (ABREU et al, 2008 apud CAETANO, 2010).

De acordo com Kobayashi et al (2009), em relação ao animal devem ser realizados antes da TAA: Deve realizar avaliação veterinária periódica e apresentar certificado de saúde; Deve realizar tratamento antiparasitário intestinal periodicamente; Não ser portador de *Salmonella SP*, *Campylobacter SP* ou *Giárdia* intestinal, ou até que estejam tratados e tenham teste negativo para as mesmas; Ser selecionado e treinado por profissionais; Deve tomar banho previamente às visitas (menos de 24 horas); Deve ter tosas periódicas (conforme o tipo e a raça do animal); Não pode ter contato com outros animais de rua; Deve ter a avaliação, a aprovação e a autorização da Comissão de Infecção Hospitalar. (KOBAYASHI et al, 2009).

Kobayashi et al (2009), em relação ao paciente na TAA: Deve concordar em receber a visita do animal (os menores de idade devem ter a autorização prévia dos pais ou responsável); Não é recomendada a participação de pacientes que apresentem fobia por animais, além dos que forem imunocomprometidos, esplenectomizados, neutropênicos, ou apresentem alergias e problemas respiratórios; Evitar maltratar o animal, induzindo-o a uma resposta violenta; Realizar a higiene das mãos após o contato com os animais; Evitar que o animal lamba pele, feridas ou dispositivos; Evitar o contato com saliva, urina e fezes dos animais; Informar qualquer incidente com o animal (como mordidas, arranhões, ou alterações de comportamento do animal) à coordenação do programa e à Comissão de Controle de Infecção da instituição. A área do arranhão, mordida ou de qualquer outro acidente deverá ser prontamente higienizada, conforme orientação da equipe de saúde do local. (KOBAYASHI et al, 2009).

Kobayashi et al (2009) diz a respeito da equipe de saúde: É recomendável a concordância prévia do corpo clínico responsável pela unidade hospitalar onde se pretende implantar a TAA; Não se recomendam visitas em unidades de terapia intensiva, no entanto, alguns pacientes crônicos e conscientes, além da equipe de saúde, poderão beneficiar-se da TAA; Limitar o acesso dos animais nas áreas de preparação de alimentos e medicação, lavanderia, central de esterilização e desinfecção, sala de cirurgia e de isolamento; As visitas deverão ocorrer junto ao treinador e a um profissional da equipe de saúde. (KOBAYASHI et al, 2009).

Legislação

Os animais possuem também lugar nas Leis Federais, como o Decreto 24.645, de 10 de junho de 1934 (Brasil, 1934), que estabelece medidas de proteção aos animais e a Lei nº 9605 de 12 de fevereiro de 1998 (Brasil, 1998), que trata sobre os crimes ambientais, entre eles os maus tratos aos animais. (GIUMELLI, SANTOS, 2016).

Ou seja, esses animais utilizados na TAA são garantidos por lei que não devem sofrer maus tratos tanto da parte dos pacientes, da instituição e de seus cuidadores, e para isso, é necessário o acompanhamento veterinário que garanta todas as condições de saúde propícias ao animal, permitindo-o boas condições de vida, e para que sua função de melhorar a vida de alguém seja realizada da melhor forma possível e garantindo também as condições de saúde propícias para animais utilizados em técnicas de TAA.

Benefícios da TAA.

Em terapias assistidas por animais são estimulados raciocínio, concentração, controle de ansiedade e da agressividade, criatividade, coordenação motora, propriocepção e vocalização (ABINPET, 2014, apud, LAMPERT, 2014).

A TAA também pode auxiliar no desenvolvimento psicomotor e sensorial. É de fácil manejo em distúrbios físicos, mentais e emocionais. Também em tratamentos para promover maior sociabilização ou em recuperar a autoestima das pessoas. (MACHADO et al, 2008).

Em 2000, a Cão Coração, uma organização brasileira de interação para pessoas e animais, foi criada para promover o Projeto Cão do Idoso. Esta atividade é indicada para lares de idosos ou abrigos, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida, o bem-estar, a integridade e o respeito pelos idosos (JULIANO, et al, 2008; MARTINS, 2004, apud, KOBAYASHI et al, 2009).

Em 2003, pesquisadores da Faculdade de Medicina Veterinária e da Faculdade de Odontologia da Universidade Estadual de Araçatuba, São Paulo, lançaram o projeto “Cão Cidadão UNESP”, que investiga respostas animais a crianças com necessidades especiais, como paralisia cerebral, síndrome de Down portadores e outros transtornos mentais. Os resultados são satisfatórios. De acordo com o estudo, o comportamento do paciente melhorou e ele tem colaborado no atendimento odontológico. (OLIVA, 2008; MARTINS, 2004, apud, KOBAYASHI et al, 2009).

O projeto “Dr. Escargot”, realizado em Pirassununga pela Faculdade de Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo, vem tentando provar que os animais podem ser integrados em ambientes escolares e hospitalares para proporcionar moralidade, moralidade

e cidadania para melhorar a qualidade de vida de crianças e idosos (MARTINS, 2004, apud, KOBAYASHI et al, 2009).

A Fundação Selma de São Paulo usa a equoterapia como alternativa aos pacientes que recebem reabilitação física e educação. Cães, ratos, coelhos, porquinhos-da-índia e alguns pássaros ajudam crianças e adolescentes a tratar problemas de fala, percepção corporal e controle da ansiedade. (MARTINS, 2004; VACARI & ALMEIDA, 2007; CENTRO DE, 2008, apud, KOBAYASHI et al, 2009).

O diretor do Centro de Geriatria do Hospital Universitário de Brasília, o gerontologista Renato Maia e a veterinária Esther Odenthal lançaram um projeto piloto que se tornou a pesquisa científica Brasília A da universidade. O experimento envolveu uma equipe de pacientes, médicos e veterinários do Centro de Referência de Alzheimer e dois cães. O efeito da terapia mediada por animais é mais do que apenas avaliar a memória dos pacientes e encorajá-los a lembrar os nomes e as cores dos animais. O estudo concluiu que o currículo AAT promove melhora no humor e recuperação da memória e eventos recentes. (CENTRO DE, 2008, apud, KOBAYASHI et al, 2009).

Especialistas têm considerado que a utilização do estímulo sensorial do tato com a presença e interação dos animais, pode recuperar a auto-estima e a sensibilidade além da reintegração à sociedade por meio da melhora do contato social que o animal permite (DELTA SOCIETY, 1996; JOAQUIN, 2002, apud, KOBAYASHI et al, 2009). A TAA traz consigo um aspecto importante de humanização, pois pode descontraír o clima tenso do ambiente hospitalar, melhorar as relações interpessoais e facilitar a comunicação entre pacientes e equipe de saúde. É indicada para auxiliar nas diversas situações clínicas, pois proporciona benefícios emocionais e espirituais para pacientes (VACARI, ALMEIDA, 2007).

Destacam-se ainda os benefícios específicos obtidos como aperfeiçoar as habilidades motoras finas; o equilíbrio de sustentar-se; melhorar adesão ao tratamento; aumentar a interação verbal entre os membros do grupo; melhorar habilidades de atenção; desenvolver recreações e lazer; aumentar a auto-estima; reduzir a ansiedade; a solidão; aperfeiçoar o conhecimento dos conceitos de tamanho e cor; melhorar a interação com a equipe de saúde e a motivação para o envolvimento em atividades em grupo (DELTA SOCIETY, 1996; FRIEDMAN, 1980, apud, KOBAYASHI et al, 2009).

A TAA pode ser aplicada em várias faixas etárias e em diferentes locais, tais como: hospitais, ambulatórios, casas de repouso, escolas, clínicas de fisioterapia e de reabilitação. São utilizados todos os tipos de animais que possam entrar em contato com os humanos sem proporcionar-lhes perigo (CENTRO DE, 2008; FILA, 1991, apud, KOBAYASHI et al, 2009).

O cão é o principal animal, pois apresenta uma natural afeição pelas pessoas, é adestrado facilmente, cria respostas positivas ao toque e possui uma grande aceitação por parte das pessoas. Estudos demonstram que animais que podem ser tocados resulta numa terapia mais efetiva (19,20). Relatos referentes a algumas patologias mostram que esta interação cão-paciente melhora o padrão cardiovascular, diminuindo a pressão arterial e os níveis de colesterol. Tal interação também produz o aumento da concentração plasmática de â-endorfinas, ocitocinas,

prolactina, dopamina e diminui a concentração plasmática de cortisol, substâncias que atuam positivamente no estado de ansiedade (JOFRE, 2005; SOBO, 2006, apud, KOBAYASHI et al, 2009).

Investigações têm demonstrado que as sessões de TAA com cães e crianças hospitalizadas facilitaram a socialização, distração durante procedimentos dolorosos, companhia e lembranças de casa durante o processo de hospitalização. (VACARI et al, 2007; DELTA SOCIETY, 1996; KAWAKAMI et al, 2002; FRIEDMAN et al, 1980; SOBO, 2006, apud, KOBAYASHI et al, 2009).

Tanto os programas de Terapia Assistida por Animais como de Atividade Assistida por Animais tem sido eficaz para diferentes deficiências e problemas de desenvolvimento, como paralisia cerebral, Síndrome de Down, distúrbios de comportamento, autismo, esquizofrenia e psicoses; comprometimentos emocionais, deficiências visual e/ou auditiva, distúrbio de atenção, de aprendizagem, de comunicação e de linguagem, de hiperatividade, além de problemas como insônia e estresse (DOTTI, 2005, apud, NOGUEIRA et al, 2019).

As terapias que usam bichos já se contam às dezenas. A equoterapia usa cavalos para reabilitar pacientes com esclerose múltipla, paralisia cerebral e síndrome de Down, trabalhando o equilíbrio e a concentração. Animais aquáticos, como golfinhos e orcas, são utilizados para trazer crianças autistas para a realidade e ajudar depressivos a recuperar a alegria de viver. Até tetraplégicos já conseguem ter uma vida mais autônoma com a ajuda de macacos-prego treinados para buscar objetos e acionar botões. (VICÁRIA, 2003).

Eles conseguem equilibrar as emoções e, em alguns casos, restabelecer as funções do organismo, explica Annelori Fuchs, psicóloga e veterinária (VICÁRIA, 2003).

Aspectos negativos da TAA

Apesar do reconhecido benefício bio-psico-social da TAA, os principais inconvenientes estão relacionados a mordidas de animais, alergias e zoonoses. É importante ressaltar que estudos sobre infecção hospitalar mostraram ser mais comum um visitante humano transmitir infecções aos pacientes do que os animais, quando devidamente limpos e imunizados (GUIDELINES FOR, 2003; GUIDELINES FOR, 2008, apud, KOBAYASHI et al, 2009). Ademais, estudos realizados após cinco anos de TAA em ambiente hospitalar, concluíram que o número de infecções não alterou durante o período que os animais estiveram presentes (KHAN, FARRAG, 2000, apud, KOBAYASHI et al 2009).

Além disso, a perda de um animal, seja por doença, desaparecimento ou roubo, pode acarretar muito sofrimento e angústia ao tutor, inclusive depressão (MIRANDA, 2011, apud, GIUMELLI, SANTOS, 2016).

Nessa convivência com os animais é preciso também levar em consideração os custos para cuidar deles, os riscos de receber mordidas e o desenvolvimento de fobias por animais (COSTA, JORGE, SARAIVA & COUTINHO, 2009, apud, GIUMELLI, SANTOS, 2016).

Segundo Bastos (2018), a relação entre o homem e o animal era mais naturalizada, hoje em dia passa a ser vista como forma de objeto, onde essa relação acaba a trazer benefícios ao ser humano através da objetificação do animal. “Tal modo encontra-se

evidenciado, por exemplo, na experimentação, no abandono, nos maus tratos, e na comercialização de animais. (BORBA, 2015, apud, BASTOS, 2018, pg. 20). “(...) o afastamento das comunidades humanas da natureza enquanto aspecto constituinte do mundo, evidenciam um panorama no qual o animal é, assim como a própria natureza, passível de controle e objetificável” (ORTEGA Y GASSET, 1963; BASTOS; BORBA, 2018, apud, BASTOS, 2018, pg. 45).

Obviamente, os pacientes com fobias e aversão a animais não devem ser incluídos em programas de TAA, bem como pessoas com problemas alérgicos (SAN JOAQUÍN, 2002, apud, MACHADO et al, 2008).

O benefício dos animais para diferentes faixas etárias

Crianças

Os animais na vida de uma criança, de acordo com Oliveira (2021), além de levarem entretenimento, ainda oferecem desenvolvimento em níveis físico, social e cognitivo. (OLIVEIRA, 2021). Segundo Cerqueira (2013), os animais ajudam crianças a interiorizarem os conceitos de compaixão e responsabilidade (Cerqueira, 2013) Alguns estudos demonstram, ainda, haver um menor risco de desenvolver asma e rinite alérgica nas crianças que estejam expostas a animais durante o seu primeiro ano de vida (MCNICHOLAS et al., 2005; CIRULLI et al., 2011; SIEGEL, 1990; ALLEN, SHYKOFF E IZZO, 2001, apud, OLIVEIRA, 2021). A EAA (Educação Assistida por Animais) é uma das técnicas derivadas da TAA, mas que ao invés de recreação ou métodos terapêuticos, tem como objetivo auxiliar ainda mais no desenvolvimento educacional infantil dentro de escolas, promovendo a aprendizagem e viabilizar o desenvolvimento das capacidades cognitivas, psíquicas, físicas e morais dos educandos. (ABRAHÃO & CARVALHO, 2005). No livro “Cães e Livros os Melhores Amigos da Criança”, Pereira e Lima (2012) trazem através de uma pesquisa feita com dois cães que visitaram uma sala de vinte e cinco alunos, apontando que os cães ajudam no processo de escrita e leitura das crianças através da sensação relaxante que os animais passaram as crianças, promovendo melhoras em maior interesse nas leituras aprendendo a ouvir, respeitar, fantasiar, criar e autotransformar-se. (PEREIRA; LIMA, 2012 apud JORGE et al, 2018). Para Hack & Santos (2017) o cão é visto como um auxiliar fundamental neste processo, pois facilita o desenvolvimento de técnicas mais dinâmicas e atrativas, sendo utilizados nos processos de ensino, portanto, cabendo aos profissionais que a utilizam elencar

as melhores formas de trabalho. Logo, evidenciam que o vínculo estabelecido entre as crianças e os animais possibilita que elas se sintam mais seguras, consigam expressar melhor seus sentimentos e vivências, facilitando processos de memorização e concentração. (HACK; SANTOS, 2017 apud JORGE et al, 2018). Poresky & Hendrix (1989), realizaram uma pesquisa sobre desenvolvimento social, cognitivo e educacional com crianças entre três a seis anos e oitenta e oito animais de estimação. Com a pesquisa foi possível concluir que os principais benefícios foram no domínio social, competência social, empatia e atitudes de estimação (PORESKY & HENDRIX, 1989). Foi observado no comportamento de crianças com animais de estimação escores de desenvolvimento infantil de acordo com cada idade; Benefícios no desenvolvimento intelectual associados aos vínculos da criança e o animal; Autoconfiança; Capacidade de decisão maior do que em crianças que não possuem animais de estimação. (JORGE et al, 2018).

Já na TAA, o projeto Pet Terapia (2017), através da participação de cães e profissionais de diversas áreas, realizaram atividades com crianças e as intervenções constataram “diminuição do estresse e medo, benefícios na socialização, interação, assim como a melhora na qualidade de vida, na saúde e bem-estar dos envolvidos” (JORGE et al, 2018, pg. 79).

Figura 8: Projeto Pet terapia na Escola, com os cães co-terapeutas Sukita e Tina, trabalhando atividades motoras e cognitivas, além do desenvolvimento social e da autoestima com crianças do ensino fundamental. (NOBRE et al, 2017).



Fonte: Nobre et al, 2017.

Figura 9: Estimulo ao desenvolvimento da leitura junto a crianças de séries iniciais do ensino fundamental, usando o cão co-terapeuta (Bombom) como o ouvinte da história, com a criação de uma roda de leitura, com a participação de todas as crianças na atividade. (NOBRE et al, 2017).



Fonte: Nobre et al, 2017.

De acordo Hack e Santos (2017), o uso de cães para fins terapêuticos com crianças traz avanços nas esferas psicológicas e sociais, auxiliando na psicomotricidade, nas

potencialidades descobertas e melhora geral na qualidade de vida (HACK E SANTOS, 2017) De acordo com Abrahão e Carvalho (2005), o contato com o animal melhora questões nas crianças como autoestima, atenção, socialização, diminuição da ansiedade e sentimentos de medo, solidão e do isolamento (ABRAHÃO E CARVALHO, 2005).

Svensson (2014), em seu estudo, investigou o impacto dos animais de estimação no desenvolvimento da saúde educacional e emocional de crianças 4 e 5 anos. Os animais que participaram do estudo foram 24 cães e gatos, sendo 12 fêmeas e 12 machos. Através de entrevistas qualitativas, o estudo concluiu que o animal de estimação apoia a criança no processo de aprendizagem e desenvolvendo de empatia e emoções; demonstrou ainda ser bom em tarefas relacionadas à escola (SVENSSON, 2014). Os animais de estimação proporcionam às crianças experiências positivas e um sentimento de bem-estar (JORGE et al, 2018). Jorge et al (2018), aponta que os estudos nessa área são promissores e os benefícios alcançados podem ser inúmeros, visto que de acordo com a revisão bibliográfica feita, são diversas as áreas, abordagens, técnicas que podem ser utilizadas com os animais e crianças para promover desenvolvimento nas áreas emocional, psicológica, educacional, comportamental e social.

No campo educacional, esses animais auxiliam nas práticas pedagógicas e proporcionam um espaço e ambiente diferentes dentro da atuação dos profissionais educacionais e dentro do ponto de vista das crianças e seus familiares, esses animais através do amor e da felicidade, que levam as crianças, conseguem promover benefícios na saúde física, emocional, e psicológica, e nas capacidades cognitivas das crianças e ajudam nas propostas educacionais da instituição de ensino e dos educandos (JORGE et al, 2018).

Figura 10: Educação Assistida por animais (EAA). Intervenção planejada, estruturada e com objetivo claros, dirigida e ou conduzida por profissionais da área da educação e/ou serviços correlacionados (INATA).



Fonte: Inata.

Adolescentes

De acordo com Eisenstein (2005), é importante definir o período da adolescência como uma transição entre a infância e a vida adulta, caracterizado por impulsos do desenvolvimento em níveis como: físico, mental, emocional, sexual e social e pelos esforços do indivíduo em alcançar os objetivos relacionados às expectativas culturais da sociedade em que vive (EISENSTEIN, 2005).

Os limites cronológicos da adolescência são definidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) entre 10 e 19 anos (adolescentes) e pela Organização das Nações Unidas (ONU) entre 15 e 24 anos (youth), critério este usado principalmente para fins estatísticos e políticos. (EISENSTEIN, 2005).

É nesta faixa etária que acontece a Puberdade, o fenômeno biológico que se refere às mudanças morfológicas e fisiológicas resultantes da reativação dos mecanismos neuro-hormonais do eixo hipotalâmico-hipofisário-adrenal-gonadal. Isso ocorre até a total maturação da mulher e do homem e de suas capacidades de reprodução. (EISENSTEIN,

2005). Portanto, nessa fase, devido ao turbilhão de hormônios, os adolescentes estão mais sensíveis às mudanças que ocorrem em suas vidas, tanto como a maturação física de seus corpos e as novas características, como no amadurecimento intelectual, novas formas de pensar e ver o mundo e novos tipos de socialização. Segundo Papalia et al (2013), a adolescência é uma construção social.

Algumas pesquisas atribuem intensa emotividade e instabilidade de humor no começo da adolescência a esses desenvolvimentos hormonais. De fato, emoções negativas como angústia e hostilidade, bem como sintomas de depressão em meninas, tendem a aumentar à medida que a puberdade avança (SUSMAN E ROGOL, 2004 apud PAPALIA, 2013).

Entretanto, outras influências, como sexo, idade, temperamento, e a época da puberdade, podem moderar ou mesmo se sobrepor às influências hormonais (BUCHANAN, ECCLES E BECKER, 1992 apud PAPALIA, 2013).

Portanto, essas transformações podem acarretar significativas mudanças em níveis como: social, psicológico, emocional, físico, cognitivo, entre outros. E a utilização de técnicas da TAA com adolescentes, pode ser benéfica no sentido de amenizar algumas dessas condições que podem ser despertadas por esse momento hormonal conturbado.

É importante referir que as interações entre a criança e o animal podem prevenir a progressão de problemas emocionais como perturbações mentais, emocionais ou comportamentais durante a adolescência ou mais tarde no decorrer da vida adulta, podendo este fato ser explicado pelo suporte emocional (GADOMSKI et al., 2015 apud OLIVEIRA 2013).

Segundo Purewal et al (2017), a relação mútua entre adolescentes e animais promove um desenvolvimento emocional saudável, e ainda podem ajudar a reduzir a ansiedade e depressão. De acordo com Melson (2003), por darem e receberem afeto, a relação entre adolescentes e animais também ajuda na satisfação da necessidade de vínculos.

Num estudo de Adamle, Riley e Carlson (2009), os caloiros de uma faculdade referiram que os seus animais de estimação eram uma fonte de conforto e apoio, quando enfrentam experiências stressantes. Esta interação levou os participantes a sentirem falta dos seus animais de estimação que estavam nas suas casas, achando assim favorável a visita dos cães de terapia para ultrapassar o stress existente no campus universitário, podendo estes os alunos a construir novas relações interpessoais. Sendo assim, os animais não só podem diminuir o stress, como também auxiliam na redução das saudades de casa, ajudam os alunos a serem mais sociáveis e desenvolverem novas amizades conduzindo, assim, a uma melhor experiência académica (ADAMS et al., 2017 apud OLIVEIRA, 2021).

Assim, produzindo um bem estar emocional nesses adolescentes e ainda colaborando para uma maior e melhor estadia nos campos universitários durante os anos de graduação.

Straede e Gates (1993), referiram que comparando adultos com e sem animais de estimação, os que possuem animais têm uma melhor saúde mental a nível de ansiedade e menor sintomatologia depressiva. (STRAEDE; GATES, 1993 apud OLIVEIRA 2021).

Jimenez et al (2012), elaboraram uma pesquisa de campo com o desenvolvimento da TAA com cães, onde o público alvo eram adolescentes. Para tal, participaram 15 adolescentes, com média de idade de 18,7, onde apenas cinco concluíram a pesquisa, dentre quatro mulheres e um homem. E participaram nove pares de cães voluntários.

Todos os cães atendiam aos seguintes requisitos: ficha de vacinação em dia, desparasitação, limpeza de orelhas, dentes e cabelo. Todos os cães foram avaliados quanto ao temperamento e obediência básica, dois dos pares são certificados pelo TAA. Os cães que participaram da intervenção tinham entre 1 e 5 anos. (JIMENEZ et al, 2012).

Segundo Jimenez et al (2012), foram utilizados como instrumentos: uma carta de aceitação para os participantes; Rosenberg Self-Esteem Scale (Rosenberg, 1989); Escala Triat Meta Mood (TMMS-24); Autoavaliação em cada sessão; Avaliação dos benefícios do TAA. E como materiais:

Para cães: bolas, escovas, coleiras de náilon, trelas, arreios, mochila, colete, kongs e biscoitos ou outras guloseimas. Para o workshop: folhas laminadas de expressões emocionais básicas de humanos e cães, e da linguagem corporal canina. (JIMENEZ et al, 2012).

Uma semana antes de iniciar o estudo, todos os participantes receberam informações sobre o tipo de terapia que iriam frequentar, assinaram a carta de aceitação e responderam a Escala de Autoestima de Rosenberg e a escala TMMS-24. Posteriormente, os 5 participantes assistiram a 7 sessões concebidas em forma de workshop, uma vez por semana, com duração de 1 hora e 30 minutos cada. Em cada sessão participaram no mínimo 3 duplas e todas as atividades da oficina foram sempre orientadas pela terapeuta. (JIMEZEZ et al, 2012).

O workshop consistiu em atividades destinadas a aprender a gerir as emoções, através da interação com o cão. As atividades das sessões foram as seguintes: 1) Reconhecimento das emoções básicas de alegria, tristeza, medo, raiva, nojo e surpresa, 2) Expressão de emoções básicas, 3) Componentes das emoções: percepção, compreensão e regulação, 4) Identificação correta das emoções em várias situações futuras, 5) Pensamentos negativos e reestruturação cognitiva, 6) Conceito de empatia e tomada de decisão, e 7) Aplicação da Escala de Autoestima de Rosenberg, TMMS-24 e avaliação do workshop. (JIMEZEZ et al, 2012).

De acordo com Jimenez et al (2012), nas sessões 3 e 5 houve melhora na no manejo das emoções e no reconhecimento destas. E por fim, na última sessão os participantes notaram que os ajudou a controlar suas emoções durante o decorrer da semana. A maior pontuação se

deu no quesito de atenção emocional, que se refere a capacidade de expressar sentimentos e emoções.

Tabela 1: Pontuações dos benefícios em TAA com adolescentes e cães.

Puntuaciones para los beneficios percibidos en lo cognitivo, social, emocional y personal de la terapia asistida por perros.

	Media	Mediana	D.E.
Benefícios cognitivos (atención, comprensión, observación o memoria)	7.8	9	2.16
Benefícios sociais (trabajo en equipo)	7.8	8	2.28
Benefícios sociais (relaciones sociales)	7.6	7	1.94
Benefícios emocionais (capacidad de empatía)	8.8	10	1.78
Benefícios pessoais (autoestima)	7.8	9	2.68

Fonte: Jimenez et al, 2012.

Na tabela é possível ver altas médias em relação aos resultados avaliados em benefícios cognitivos como observação e memória; Benefícios sociais como trabalho em equipe e relações sociais; Benefícios emocionais como melhora da capacidade de empatia e benefícios pessoais em relação ao aumento da autoestima nesses adolescentes.

Figura 11: TAA com cavalos aplicada em adolescentes, conhecida como a Equoterapia.



Fonte: Sou Mãe, 2020.

Idosos

Figura 12: TAA com idosos.



Fonte: Inata.

De acordo com Papalia et al., (2013), a faixa entre a meia idade e a terceira idade inclui dos 40 aos 70 anos de vida, mas cita que, sem definição arbitrária, pois, não há uma exatidão de quando a meia-idade começa e de quando termina, variando de pessoa para pessoa. (PAPALIA et al., 2013). É um estágio distinto da vida, com as suas próprias normas sociais, papéis, oportunidades e desafios. (OLIVEIRA, 2021). É nesta idade que começam mudanças sensoriais e motoras, mas ainda quase que imperceptíveis à pessoa. São elas a nível: visual, gustativa, olfativa e tátil. Havendo diminuição dessas sensações. (KLINE et al., 1992; KOSNIK et al., 1988; CAIN et al., 1990; STEVENS et al., 1991 apud OLIVEIRA, 2021). De acordo com Papalia et al., (2013), ocorrem também mudanças fisiológicas devido ao envelhecimento, mudanças comportamentais e de hábitos e estilo de vida. Há também mudanças físicas, p. e. rugas mais aparentes e cabelos brancos. (...) Esta fase é um período da vida repleto de acontecimentos contraditórios, como lidar com a independência dos filhos e a dependência dos pais, assim como, a alegria de ver nascer os netos e a tristeza de ver falecer os pais (PAPALIA et al., 2013). (...) Quando existe o regresso ou a permanência dos filhos, este aspecto leva a sentimentos de insucesso no processo de autonomização dos filhos, podendo impedir ao sujeito de explorar os seus interesses (PAPALIA et al., 2013). Levando o sujeito, a conflitos de ordem emocional ou psicológica, visto o distanciamento da família e

filhos, ou em contramão, a aproximação e falta de autonomia. O nascimento dos netos. A perda dos pais, irmãos, parentes mais velhos. Tudo isso gera transformações negativas ou positivas nos âmbitos emocionais e psicológicos, podendo gerar casos de ansiedade, depressão, sintomas de solidão, dentre outros.

Quanto à saúde física e mental, com o aumento da idade, a partir dos 60 anos há uma maior dificuldade na realização das atividades do dia-a-dia. Nesta idade há uma maior propensão a contrair doenças, como a hipertensão e diabetes e demoram mais tempo na sua recuperação (MERRILL & VERBRUGGE, 1999 CIT IN, PAPALIA et al., 2013; SIEGLER, 1997 CIT IN, PAPALIA et al., 2013 apud OLIVEIRA, 2021).

Nestas idades, a saúde mental começa a ficar mais afetada. As depressões são habitualmente ligadas às perdas, ao aparecimento de doenças, a disfunções cognitivas, às carências que se fazem sentir e a aspetos sociais, assim como, o isolamento social, a debilidade física e a diminuição das atividades de vida diária (RODRIGUES, 2009 CIT IN, COSTA, 2013 apud OLIVEIRA, 2021).

Quando se trata da terceira idade, segundo Papalia et al., (2013), existem estereótipos como pessoas mais cansadas, pouca coordenação motora, suscetíveis a doenças, infecções e acidentes. Estas pessoas isolam-se mais, devido a variações de humor. Sofrem a lentificação dos processos cognitivos. No caso de perturbações mentais causadas por doenças como Parkinson e Alzheimer, podem ser devastadoras a essas pessoas.

Nesta fase do ciclo vital, esta pode ser vivida de forma mais ou menos gratificante e saudável. Com a reforma, há a diminuição da atividade profissional ou social, sendo tendencialmente visto como um peso para os outros (familiares, amigos), havendo um maior isolamento (PAPALIA et al., 2013).

Os contatos dos idosos com os animais têm influenciado no aumento dos seus níveis de felicidades, assim como, na redução de sentimentos de solidão e na melhoria da saúde física e emocional (FERNANDES, 2018, apud, OLIVEIRA, 2021).

A presença de animais de estimação permite aos idosos amar sem medo da rejeição, favorecendo o bom humor e brincadeira através das suas atitudes. A autoestima desta população é um dos aspetos que beneficia da experiência de convívio com um animal de estimação, podendo ser ampliada ou restaurada quando eles identificam o amor dado em troca pelo animal que cuidam (COSTA et al., 2010, apud, OLIVEIRA, 2021).

De acordo Martins et al (2013), a prática de levar os animais para passear, também facilita o processo de socialização desses idosos. (MARTINS et al, 2013, apud, OLIVEIRA, 2021). Ainda há outros benefícios como menores índices de morte após enfarte do miocárdio; menor probabilidade em desenvolver doenças cardiovasculares; frequência cardíaca mais baixa e pressão arterial também e menor necessidade de serviços médicos (MCNICHOLAS et

al., 2005; CIRULLI et al., 2011; SIEGEL, 1990; ALLEN, SHYKOFF E IZZO, 2001, apud, OLIVEIRA, 2021).

A respeito da convivência de animais e idosos, de acordo com Heiden e Santos (2009), foi realizada uma pesquisa com 51 idosos acima de 60 anos de idade, a qual tinha o objetivo de verificar os motivos que esses idosos conviviam com animais de estimação. Dentro destes 51 idosos, 4 eram homens e 47 mulheres, com idades entre 60-84. Através da aplicação de um questionário com 13 questões (HEIDEN E SANTOS, 2009).

De acordo com os resultados obtidos, em primeiro lugar os idosos escolheram ter um animal porque gostam dos animais. Heiden e Santos (2009), trazem que esse pode ser um indicativo da felicidade e afeto positivos que esses animais proporcionam a esses idosos. (HEIDEN E SANTOS, 2009). Segundo Becker e Morton (2003) quanto maior o vínculo com o animal, maior serão os benefícios que ele proporcionará. Em segundo lugar, os idosos escolheram ter os animais para que esses lhes façam companhia. de acordo com Becker e Morton (2003), a presença de um animal faz com que as pessoas não se sintam sozinhas e sintam-se vivas, amadas e necessárias. Ainda em segundo lugar, outro motivo apontado foi a segurança e proteção de ter esses animais em casa. Ainda segundo os autores, ter um animal em casa torna as pessoas mais seguras e calmas. Em terceiro lugar, os idosos apontaram que conversam com seus animais de estimação, e por isso gostam de suas companhias. Em quarto lugar, os idosos ganharam o animal de algum familiar. E em quinto e último, os animais servem como um passatempo a esses idosos (BECKER; MORTON, 2003 apud HEIDEN; SANTOS, 2009).

Através do levantamento do estudo de Heiden e Santos (2009), foi possível identificar que houve uma mudança na vida desses idosos após a chegada dos animais. Mudanças como: os idosos relataram serem mais felizes, alegres e contentes após a chegada do animal; Relataram que não sentem-se mais sozinhos pois, têm a companhia do animal; Trouxeram também que os animais ocupam esses idosos, devido aos cuidados necessários com o animal, isso serviu de passatempo para eles, deixando-os mais ativos; E que os animais passam segurança a eles. Na pesquisa, quando perguntados se consideravam os animais de estimação como parte da família, 72,54% responderam que sim. Os idosos tratam o animal de estimação como se ele fosse seu filho, o vínculo que eles estabelecem com o animal é muito próximo e através desse vínculo os idosos podem ser beneficiados. (HEIDEN; SANTOS, 2009).

Num momento em que a psicologia, a sociologia e a política tiraram a espontaneidade das relações humanas, a simplicidade de nossa afeição pelos bichos

de estimação é um modelo para os momentos simples e íntimos que realmente nos sustentam. Sem esses laços que nos unem – os vínculos de amor, amizade, responsabilidade e dependência – pouco a pouco começamos a definhar. São nossos vínculos que nos mantêm saudáveis. (BECKER; MORTON, 2003, apud, HEIDEN; SANTOS, 2009).

De acordo com Heiden e Santos (2009), os animais de estimação podem proporcionar benefícios psicológicos para os idosos, esses benefícios parecem depender do que os idosos esperam do animal de estimação e do vínculo que estabelecem com ele. E estes benefícios são amplos.

De acordo com Mattei et al (2015), em uma pesquisa feita através de observação e de um questionário, em um centro de idosos na cidade de Concórdia-SC, reuniu 40 idosos e encontros semanais com animais, durante o período de uma hora para que os animais não ficassem estressados ou sobrecarregados. Para tal, foram utilizados dois co-terapeutas gatos sem raça definida, um do sexo feminino e um do sexo masculino. Os animais foram vermífugados, vacinados, tiveram as unhas cortadas e foram banhados nos dias anteriores às visitas. Os animais foram escolhidos baseados em seu bom comportamento e temperamento, por serem sociáveis e receptivos (MATTEI et al, 2015).

O estudo levantou dados como: 64,28% dos pacientes achavam as visitas da TAA com os animais muito importantes. E 35,71% achavam importantes. 100% dos questionários avaliaram que os idosos ficaram mais felizes após as visitas. A respeito da convivência social com os animais, 85,71 avaliaram que houve melhora depois do convívio com os animais e 14,71% afirmaram que não sentiram a influência dos animais. Um dos pacientes comentou sobre a espera dos animais e amigos nas sextas-feiras de manhã e outra avaliou que não gosta muito das visitas, porém sabe que faz bem para os outros idosos. (MATTEI et al, 2015).

Durante as visitas foi notável perceber a alegria, satisfação, bem estar e distração dos pacientes. Os idosos tinham grande interesse pelos felinos, pois lembravam de acontecimentos na infância, assim perguntavam se os animais eram castrados e também sobre cuidados com banho, alimentação e local de permanência dos felinos. Foram receptivos aos animais e ficavam tristes quando era chegada a hora de ir embora. Houve muitas mudanças positivas no comportamento dos pacientes, principalmente em relação à interação social e melhora do humor. (MATTEI et al, 2015).

Outra grande mudança notada pelas alunas do projeto ocorreu em uma paciente a qual sempre estava triste e reclusa. Com várias sessões de TAA a paciente iniciou a socializar-se e a acariciar um dos animais. Para os idosos as visitas semanais dos felinos eram motivo de euforia, espera e alegria, onde a rotina de tristeza tornava-se esquecida pelo carinho e companhia dos animais. (MATTEI et al, 2015).

Araceli (2003) afirmou que inúmeros são os benefícios conseguidos pela terapia assistida por animais, tais como aumento da auto-estima, estimulação da memória, principalmente dos idosos, diminuição da pressão arterial sanguínea, do colesterol, da ansiedade, além da liberação de neurotransmissores como B-endorfinas, dopamina e os hormônios ocitocinas, prolactina e cortisol, que indicam reações fisiológicas associadas à interação homem-animal. (ARACELI, 2003, apud, PECELIN et al, 2007).

Além dos benefícios já citados, Kawakami et al. (2001) descrevem outros proporcionados pela terapia assistida por animais, como controle do estresse, diminuição dos riscos de problemas cardíacos, do alívio de dor, do uso de medicamentos e do tempo de internação e aumento das células de defesa, deixando o paciente mais resistente a bactérias e ácaros, o que diminui a probabilidade de desenvolver alergias, problemas respiratórios, depressão e solidão, melhorando a interação social e a superação das limitações por causa dos animais. (KAWAKAMI, 2001).

De acordo com a Delta Society (2007), a terapia assistida por animais melhora o estado físico (habilidades motoras), educacional (estimulando a memória a curto e longo prazos), motivacional e mental (aumentando as interações verbais e o contato físico) e a afetividade (o toque e a socialização do indivíduo). (DELTA, 2007, apud, PECELIN et al, 2007).

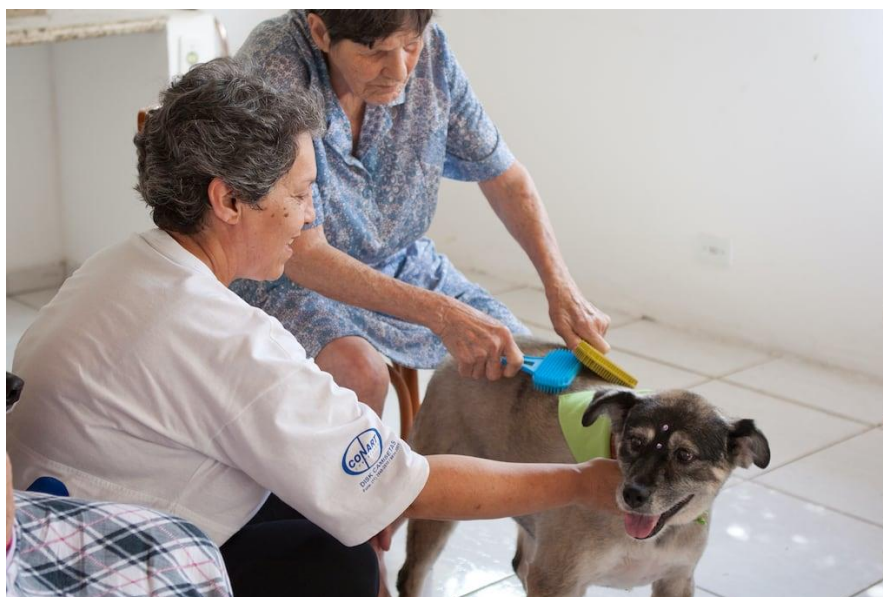
Por meio de um questionário (Client/Satisfaction Questionnaire), Macauley (2006) constatou que um dos fatores principais a respeito da eficácia e sucesso da TAA com animais é o fato desses idosos verem os animais como co-terapeutas e não como objetos. (MACAULEY, 2006, apud, PECELIN et al, 2007).

Figura 13: Atividade de coordenação motora com a assistência de um cachorro de TAA.



Fonte: Inata.

Figura 14: Idosa escovando um dos animais da TAA.



Fonte:Inata.

O benefício dos animais em alguns contextos

Síndrome de Down

De acordo com Hack e Santos (2017), a síndrome de Down é uma alteração no cromossomo 21, uma das anomalias genéticas com maior incidência de casos no mundo e pode causar alterações nas características físicas, e prejuízos como atrasos cognitivos e motores, sendo necessária uma ampla estimulação e prejuízos na aprendizagem; esta precisa ser fortalecida por meio de muita repetição e prática. Neste caso, foi utilizado o trabalho de TAA com cães, a Cinoterapia, com crianças diagnosticadas com a Síndrome de Down, ou Síndrome do Cromossomo 21, a fim de estimular a criança, desenvolvê-la, fazendo com que se comunique, conheça e interaja com o meio que a cerca (HACK; SANTOS, 2017).

De acordo com Hack e Santos (2017), foi realizado um levantamento de dados com três pais de três crianças com Síndrome de Down, duas de oito meses de idade e uma de onze meses de idade. O levantamento foi realizado por uma psicóloga e uma professora. A partir desse levantamento, foi realizado um processo de de estimulação no ano de 2015 em uma instituição APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) (HACK; SANTOS, 2017).

Atividades que visem estimular ou intervir são fundamentais para qualquer criança, com ou sem atraso no seu desenvolvimento. Nesse sentido, as escolas especiais têm como objetivo prevenir, reduzir, restabelecer ou compensar as dificuldades de indivíduos com deficiências, proporcionando a possibilidade de estímulos adequados ao desenvolvimento de cada idade (CAVALHEIRO; SAPELLI, 2011, apud, HACK; SANTOS, 2017).

A aprendizagem deve ocorrer de forma prática; os profissionais devem buscar proporcionar o desenvolvimento da aprendizagem nas situações diárias da criança, respeitando seus limites. (HACK; SANTOS, 2017).

O tratamento precoce é necessário para aumentar a interação, obtendo respostas motoras próximas ao padrão esperado em cada idade, auxiliando na aprendizagem e prevenindo comportamentos anormais. O trabalho deve ser realizado em equipe interdisciplinar a fim de reforçar diferentes comportamentos. Simples atividades, como sentar, rolar, ajoelhar e ficar em pé, contribuem expressivamente na construção motora das crianças (MATTOS; BELLANI, 2010, apud, HACK; SANTOS, 2017).

De acordo com Vaccari e Almeida (2017), o benefício de se utilizar a relação entre os animais e as crianças é o desenvolvimento da capacidade de relacionamento entre os dois, assim como com o meio e com outros indivíduos, e a capacidade de trabalhar aspectos não verbais. As crianças aprendem gestos, posturas, movimentos através da interação e observação dos animais. Por meio das entrevistas, os sujeitos revelam que os filhos perderam o medo dos cães e que adquiriam habilidades no equilíbrio e atenção. (VACCARI; ALMEIDA, 2017).

A criança com síndrome de Down apresenta algumas características peculiares, como a hiperflexibilidade das articulações, dificuldades na fala, prejuízo no desenvolvimento motor, atraso no desenvolvimento e nas aquisições de marcos motores básicos (HACK; SANTOS, 2017). Mattos e Bellani (2010) dizem, ainda, que são comuns problemas de visão e audição, cardiopatia e tireoide, além de problemas neurológicos, exclusão social e medo. (MATTOS; BELLANI, 2010, apud, HACK; SANTOS, 2017).

Durante o recolhimento do material, os três pais entrevistados relataram que seus filhos superaram alguns medos em relação ao contato com os animais. Um relata que seu filho não chegava perto das galinhas, e agora perdeu esse medo. Outro relata que apesar do filho ter contato com cachorro desde bebê, por ter o animal em casa, agora ficou mais calmo por conta da cinoterapia: *“ele era bem agitado, bastante agitado [...] era muito nervoso, tudo que tu oferecia pra ele, nada servia, ele não brincava [...] era mais retirado” [SIC]*. Outro relata que a filha ficava nervosa quando os cachorros iam para cima dela, e agora (após o trabalho da cinoterapia) ela perdeu esse medo. (HACK; SANTOS, 2017. grifo nosso. Pg. 152)

As crianças com síndrome de Down, em sua grande maioria, apresentam atrasos motores significativos quando comparadas às demais crianças. Principalmente no que diz respeito a atividades de sentar, ficar em pé e, até mesmo, caminhar, fato muito relatado pelos pais e profissionais, que buscaram realizar atividades motoras e cognitivas durante as estimulações com o cão (PRIANTI; CABANAS, 2015, apud, HACK; SANTOS, 2017).

As atividades desenvolvidas com os cães neste projeto possibilitam o desenvolvimento de tarefas. Explica a professora responsável:

“Era feito todo um trabalho de noção espacial, temporal, lateralidade, orientação e mobilidade, essas coisas, atividades de psicomotricidade. Para isso, eram montados circuitos no bosque, no campo, ao ar livre, quando o tempo permitia, e quando chovia ou tava frio a gente, às vezes, ficava na sala, montava as atividades na sala e ali na frente no ônibus, que é coberto. Ali eram mais atividades pedagógicas. Quando a gente trabalhava atividades de afetividade, interação e socialização a gente fazia ao ar livre” [SIC]. (HACK; SANTOS, 2017. grifo nosso. Pg. 153).

Ou seja, o trabalho com os cães proporciona o desenvolvimento de atividades essenciais de uma maneira mais dinâmica. (HACK; SANTOS, 2017). Explica a psicóloga responsável:

“Às vezes era feito circuito, quem organizava era a professora [...] por mais que no início a gente fazia um, e lá no final do ano a gente repetia o mesmo circuito, dava pra perceber que eles conseguiam fazer de uma forma diferente, sabe? Com mais propriedade no que eles estavam fazendo”. [SIC]. (HACK; SANTOS, 2017. grifo nosso. Pg. 153).

Eram preparadas atividades que envolviam aspectos cognitivos e motores, como subir e descer escadas, pular, caminhar, dar comandos para o cão, acariciar, tocar, sentir, entre outros. O cachorro era utilizado como um estímulo para o desenvolvimento das propostas pedagógicas, pois as crianças se sentiam motivadas a realizar o que era solicitado em companhia dos animais. (HACK; SANTOS, 2017).

“Sessões de terapia com animais podem promover melhoras no humor e recuperação de lembranças e acontecimentos recentes. Além disso, o toque e a presença dos animais facilitam a interação, o aumento da autoestima e a reintegração social” (KOBAYASHI et al., 2009, apud, HACK; SANTOS, 2017, pg. 153).

De acordo com os levantamentos, Hack e Santos (2017) trazem que nesta terapia com animais os benefícios mais apontados pelos pais foram: melhora da coordenação motora, como o caminhar das crianças e o equilíbrio ao andarem acompanhadas dos cachorros; a evolução do cair com mais cuidado; as “ligações” ou processos cognitivos tiveram uma leve melhora em relação ao tempo de processamento, como relata uma mãe no trecho: *“Ele se vira, sabe? Ele sobe escada, ele sobe em cadeira e até em cima da mesa [...] por isso que eu digo que peguei essa da atenção dele [...] ele tá ali e o cãozinho fica ao redor, eu não sei se foi a atitude do mesmo, porque eles são grandão [...] mas assim, faz ele apurar e se ligar nas coisas mais rápido, não vou ali porque não dá. É ótimo, muito bom”. [SIC]. (HACK; SANTOS, 2017. grifo nosso. Pg. 154).*

“A cinoterapia exerce grande influência nos processos de aprendizagem infantil, pois, mesmo quando as atividades desenvolvidas se repetem, existe a possibilidade de aprender novos conteúdos.” (HACK; SANTOS, 2017, pg. 154).

A professora relata que: *“Eles entregavam a guia do cachorro pro coleguinha levar, ou eles puxavam o coleguinha pela mão quando a gente dizia ó, veio o cachorro [...] você trabalha muito o emocional, o afetivo, toda essa parte que na estimulação é o que a gente mais trabalha, que é a coletividade, a interação com o outro, a interação com os profissionais, com os animais também, com o outro de várias maneiras”*. [SIC]. (HACK; SANTOS, 2017. grifo nosso. Pg. 154).

Houve também relatos de diferença em relações comportamentais, como a criança estar mais “tranquila”, ou seja, a cinoterapia ter um efeito calmante nas crianças; o comportamento de brincar mais do que antigamente (anterior a TAA) e se enturmar mais; foi desenvolvida também a questão da tolerância das crianças, em saber a hora de esperar os comandos dos pais e professores, respeitar e obedecê-los.

A psicóloga relata que o diferencial dessa atividade com os cães é estar do lado de fora de uma sala, ao ar livre, e isso torna-se muito mais atrativo para as crianças, e também pelo fato deles gostarem dos “bichinhos”. E é muito mais fácil para perceber a interação entre os animais e as crianças, as crianças percebem o funcionamento e a interação dos cachorros e interagem junto, p. e. na atividade de jogar a bola para o animal pegar e recolhe-la para lançar novamente. *“Percebe-se que através da terapia assistida por animais houve um aumento da motivação, seguimento de regras e limites dos alunos, além disso, os animais trouxeram alegria, tranquilidade e atenção”* [SIC]. (HACK; SANTOS, 2017. grifo nosso. Pg. 155).

Em seus estudos Kawakami e Nakano (2002) trazem como benefícios da estimulação, melhoras nas questões fonoaudiológicas, pois as crianças que não falam são estimuladas a produzir expressões vocais. Os animais podem ser considerados excelentes catalisadores sociais, pois facilitam o contato social, nutrem a comunicação e auxiliam no vínculo entre os profissionais e pacientes. (KAWAKAMI; NAKANO, 2002, apud, HACK; SANTOS, 2017).

Em relação ao produzir fala e expressões, segundo o relato de uma das mães, Hack e Santos (2017), trazem: *“Tinham uns (alunos) que não falavam nada, balbuciavam algumas palavrinhas e aí, então, com o tempo, vamos ver onde é a orelha do cachorro, então, fala orelha, fala o nariz e eles começaram a falar algumas palavras e daí depois começaram a se comunicar e automaticamente com as outras pessoas”* [SIC]. (HACK; SANTOS, 2017. grifo nosso. Pg. 155). O ponto da melhora na comunicação foi muito pontuado entre os pais. De acordo com Kawanami e Nakano (2002), a comunicação na psicologia é muito importante em tratamentos, e os cães facilitam esse processo. (KAWAKAMI; NAKANO, 2002, apud, HACK; SANTOS, 2017).

Um dos relatos de um pai sobre a comunicação da filha “*ela saía de lá e já falava, falava não, porque ela não fala, mas dava para entender que ela tinha algo na escola [...] ela fala pouco, mas dizia au-au, acho que ajudou, né?*” [SIC]. (HACK; SANTOS, 2017. grifo nosso).

Simple atividades como fazer carinho, brincar, jogar bola e passear com o cão são excelentes exercícios de coordenação de movimentos, ajudam a controlar o estresse, diminuem a pressão e reduzem chances de problemas de coração. Ainda, segundo Kawakami e Nakano (2002), durante as atividades com animais, os comportamentos são de alegria, disposição e aproximação. (KAWAKAMI; NAKANO, 2002, apud, HACK; SANTOS, 2017).

Segundo a professora responsável pela implementação da prática de cinoterapia na APAE, “*eles começaram a ter algumas atitudes de autonomia em função do cachorro*” [SIC], algo muito importante considerando a faixa etária em que eles se encontram. Além disso, algo muito marcante durante os trabalhos desenvolvidos com os cães foi o desenvolvimento da iniciativa. O vínculo estabelecido entre as crianças e os animais permite que elas se sintam mais seguras, conseguindo expressar melhor seus sentimentos e vivências, facilitando processos de memorização e concentração. (HACK; SANTOS, 2017. grifo nosso. Pg. 155).

“O cão possibilita a socialização, a estimulação mental, o contato e, conseqüentemente, a aprendizagem.” (CAMPOS, 2009, apud, HACK; SANTOS, 2017, pg. 155).

De acordo com Hack e Santos (2017), a cinoterapia pode ser benéfica tanto em diversos níveis de desenvolvimento quanto em diferentes faixas etárias, e cabe aos profissionais saberem como utilizá-la e aproveitá-la da melhor forma possível.

A utilização, principalmente de cães, para fins terapêuticos traz avanços nas esferas psicológica e social; além de ser uma importante fonte de estimulação, auxilia na psicomotricidade, na descoberta de potencialidades e também na melhora da qualidade de vida (PORTO; CASSOL, 2007, apud, HACK; SANTOS, 2017).

Figura 15: Criança com Síndrome de Down e cachorro com deficiência utilizado em TAA.



Fonte: Natalia Filippin, G1 PR, 2020.

Autismo

De acordo com Andrade e Teodoro (2012), o autismo ou Transtorno do Espectro Autista (TEA), Conforme o DSM V, é uma síndrome comportamental que pode comprometer o desenvolvimento da parte motora, psiconeurológica e neurológica do indivíduo, por isso está diretamente relacionada ao neurodesenvolvimento infantil. Há dificuldade de desenvolvimento em áreas como cognição, linguagem e interação social. Utiliza-se o termo para se referir a um grupo de transtornos que possuem como característica principal o comprometimento de estruturas básicas e essenciais no desenvolvimento infantil, a chamada tríade, utilizada por especialistas para auxiliar no processo de identificação de características e diagnóstico. Segundo Andrade e Teodoro (2012), a tríade é composta por: 1) comprometimento qualitativo da interação social; 2) comprometimento da comunicação e; 3) padrões restritos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades. A partir dessa tríade, são observadas características no comportamento da criança, pois, O TEA, não possui nenhum tipo de teste ou exame médico ou psicológico, para base de diagnóstico do TEA, é utilizado o histórico de comportamentos da criança como análise.

Um estudo citado por Moñoz e Roma (2016) desenvolvido por Redefer e Goodman (1989) objetivou descobrir se um cão seria um auxiliar útil em sessões com crianças autistas e este estudo demonstrou que a Terapia Facilitada por cães poderia ser usada para ajudá-las a interagir com outras pessoas. (MOÑOZ; ROMA, 2016; REDEFER; GOODMAN, (1989), apud, NOGUEIRA et al, 2019).

Ainda as mesmas autoras citam um estudo realizado por Funahashi (2014) que a inclusão de um cão no tratamento de crianças autistas diminui o número de comportamentos sociais negativos e eleva quantitativamente os comportamentos sociais positivos. (FUNAHASHI, 2014, apud, NOGUEIRA et al, 2019).

Dotti (2005), relata sobre um estudo realizado com crianças autistas. Em 1999 a U.S. Pet Industry's Foundation e a Pet Care Trust lançaram um estudo para quantificar e compreender os efeitos da TAA com cães, comparando outros tipos de terapias tradicionais e os resultados indicaram que as crianças pareceram mais receptivas brincando com os cães, mais atentas e sorrindo mais na presença desses cães. Parece que, quando estão com os cães, mostram um nível maior de atividade, focada no interesse pelo ambiente. (DOTTI, 2005, apud, NOGUEIRA et al, 2019).

Um estudo conduzido por François Martin e sua equipe na Universidade Estadual de Washington, citado por (Dotti, 2005) demonstrou que os cães podem chamar a atenção das crianças autistas, pois constataram que as crianças olhavam e cão e conversavam com ele por maior período de tempo do que com o terapeuta. (DOTTI, 2005, apud, NOGUEIRA et al, 2019).

Assim, verificam-se nesses extratos, benefícios físicos, sociais e psicológicos. De acordo com Nogueira et AL (2019), a partir desses estudos, os autores elaboraram um projeto de TAA com cães, um estudo com 12 crianças autistas na faixa etária de três a seis anos, do Centro de Atendimento ao Autista Dr. Danilo Rolim de Moura- Pelotas/RS. Foram separados dois grupos, onde seis participantes teriam contato com os cães, o grupo experimental. E no outro grupo, de controle, sem a inserção dos cães no processo. As terapias ocorreram nos meses de setembro, outubro e novembro do ano de 2017. No grupo experimental, foram realizadas sessões terapêuticas individuais com os cães, e no grupo de controle foram realizadas as sessões de psicoterapia sem a presença dos animais e também de forma individual. Ambos por 25 minutos, em sete sessões terapêuticas, uma por semana.

Fizeram parte deste estudo três cães, sem raça definida, mantidos no canil, localizado no Hospital de Clínicas Veterinária no campus Capão do Leão da UFPel. Esses cães, passaram por avaliação médica veterinária, são adestrados, treinados e preparados constantemente para a realização das atividades previstas. Foram acompanhados por seus adestradores (acadêmicos do Curso de Veterinária, inseridos no projeto Pet Terapia), um acadêmico do Curso de Psicologia, além de um profissional da Medicina Veterinária e da Psicologia, onde atuaram na terapia como facilitadores na motivação, aprendizagem e incentivador das atividades que serão desenvolvidas. (NOGUEIRA et al, 2019).

A tabela apresenta a idade dos pacientes, nível de TEA de acordo com o DSM-V, e os grupos inseridos:

Tabela 2: Caracterização da população do Estudo Piloto.

Paciente	Idade	nível TEA	grupo de intervenção
criança A	5 anos	nível 1	grupo experimental
criança B	5 anos	nível 1	grupo experimental
criança C	4 anos	nível 2	grupo experimental
criança D	5 anos	nível 2	grupo experimental
criança E	3 anos	nível 3	grupo experimental
criança F	3 anos	nível 3	grupo experimental
criança G	3 anos	nível 1	grupo controle
criança H	4 anos	nível 1	grupo controle
criança I	6 anos	nível 2	grupo controle
criança J	3 anos	nível 2	grupo controle
criança K	5 anos	nível 3	grupo controle
criança L	6 anos	nível 3	grupo controle

Fonte: Nogueira et al, 2019.

De acordo com as autoras, foi levantado com o estudos os seguintes resultados: crianças do grupo experimental tiveram um tempo de reação menor do que as crianças do grupo controle;

Segundo Muños e Roma (2016), existem pacientes autistas que são atraídos pelos cães e de imediato interagem, para outros o cão deva ser introduzido várias vezes na sessão até que a criança estabeleça uma interação com o animal. (MUÑOS; ROMA, 2016, apud, NOGUEIRA et al, 2019). Assim, Nogueira et al (2019) supõe que houve uma interação direta entre as crianças e os animais através da TAA. Oferecendo um novo foco de atenção, modulação da ansiedade, e possibilitando o vínculo entre paciente-terapeuta (MUÑOS; ROMA, 2016, apud, NOGUEIRA et al, 2019).

“Comparando o tempo de adesão da criança ao método da psicoterapia, nos dois

grupos constatou-se que não houve diferenças significativas.” (NOGUEIRA et al, 2019, pg. 56).

“A TAA com crianças autistas apresentou não causar estresse aos cães que foram utilizados no processo terapêutico.” (NOGUEIRA et al, 2019, pg. 57).

“(…) Elegeu-se para ambos os grupos algumas áreas mais comprometidas destes pacientes para estimulação que foram: a socialização, comunicação, atenção/concentração e motricidade.” (NOGUEIRA et al, 2019, pg. 57).

“(…) No desenvolvimento de uma das regras sociais - saudação e despedida, foi verificado que o grupo experimental teve maior avanço. Isto pode estar relacionado ao fato de que a presença do cão facilita a interação social.” (NOGUEIRA et al, 2019, pg. 57).

Também de acordo com Nogueira et al (2019), observou-se no grupo experimental maior o desenvolvimento da capacidade de imitar gestos, reciprocidade emocional, expressão de sentimentos e emoções, linguagem receptiva do que no grupo controle.

No que se refere a linguagem receptiva constata-se que o grupo controle obteve maior avanço, talvez isto se justifique pelo fato do psicoterapeuta ter promovido um canal maior de comunicação, utilizando-se de objetos e imagens, o que facilitaria para a criança autista. Por outro lado, na linguagem expressiva o grupo experimental obteve maior avanço, o que de certa forma nesta abordagem a presença do cão estimula a expressão da linguagem, seja repetir o latido do cão, saudar e despedir-se. (NOGUEIRA et al, 2019).

No grupo experimental, observou-se de acordo com Nogueira et al, 2019, maior desenvolvimento de atividade motora fina e motricidade global através do auxílio de atividades desempenhadas pelas crianças como de passear, pentear, escovar, acariciar e de dar petiscos.

A partir das intervenções realizadas sugere, que o desenvolvimento e avaliação da ação da Terapia Assistida por Animais em crianças com Transtorno do Espectro do Autismo aumentou a interação social através do aumento de regras sociais como a saudação e a despedida, a capacidade de imitação de gestos, a reciprocidade emocional, a expressão de sentimentos e emoções e a motricidade global, quando comparadas ao uso do método de psicoterapia sem o cão. Esses resultados coincidem com um estudo relatado por Dotti (2005) com crianças autistas, onde em 1999 a U.S. Pet Industry’s Foundation e a Pet Care Trust lançaram um estudo para quantificar e compreender os efeitos da TAA com cães, comparando outros tipos de terapias tradicionais e os resultados indicaram que as crianças pareceram mais receptivas brincando com os cães, mais atentas e sorrindo mais na presença desses cães. Parece que, quando estão com os cães, mostram um nível maior de atividade, focada no interesse pelo ambiente. (NOGUEIRA et al, 2019).

“Demonstrou-se que o uso desta abordagem terapêutica em crianças com TEA aumenta os comportamentos socialmente desejáveis, tais como interesse, atenção e motivação.” (NOGUEIRA et al, 2019, pg. 59).

No âmbito educacional

“As crianças aprendem a ler, a escrever e a contar, através do ensino das ciências de uma forma alargada e contextualizada, fomentando a curiosidade e o desejo de saber mais.” (LOPES DA SILVA, 1997 p. 82 apud PEREIRA, 2013, pg. 3).

“Espera-se que o educador/professor dê oportunidade às crianças para que a partir de situações e problemas, as mesmas tenham oportunidades de apresentar explicações, argumentando as suas ideias e de comparar com a realidade.” (PEREIRA, 2013, pg. 3).

De acordo com Vallonton (1979), é essencial para as descobertas e aprendizados das crianças que essas estejam em contato com seu meio mais natural, onde o educador possa criar um vínculo entre ele, a criança e o meio. O meio ambiente, pela confiança que desprende pela sua riqueza que convida à experimentação, pela curiosidade que desperta e pelos laços de simpatia que provoca” (VALLONTON, 1979, p. 23, apud, PEREIRA, 2013).

Portanto, Pereira (2013), traz sob essa perspectiva a importância de crianças crescerem com animais ao seu redor, relacionando e construindo a vida como ela é, mais próxima do meio real, do mundo externo. Neste sentido, segundo esses aspetos, a criança percebe melhor o mundo com que se depara. (PEREIRA, 2013).

Pereira (2013), traz o trabalho da temática de animais com crianças como um método para desenvolver sensações como: linguagem corporal da criança, a consciência do que é de si e do que é do mundo, o mundo que a rodeia, conhece e estabelece suas próprias relações, tudo isso com o auxílio do convívio com animais. Entende-se que a curiosidade natural das crianças e o seu desejo de saber é a manifestação da busca de compreender e dar sentido ao mundo que é própria do ser humano e que origina as formas mais elaboradas do pensamento. (LOPES DA SILVA, 1997 p. 79 apud PEREIRA, 2013). Assim, de acordo com Pereira (2013), a criança, no contato com animal, tendo a noção de sua natureza e da dele, consiga compreender melhor suas necessidades, assemelhando-as às necessidades do ser humano, a criança adapta-se a si, às sensações do outro, conhece o mundo, conhece as sensações em seu corpo. “O animal desperta, pois a dinâmica lúdica, tanto no plano motor como nos planos psíquicos e intelectual” (VALLONTON, 1979 p. 38, apud, PEREIRA, 2013, pg. 4), “favorecendo o seu desenvolvimento global.” (PEREIRA, 2013, pg. 4). “Por isso, que o uso de animais com crianças, inclusive no meio escolar, desenvolve e aprimora capacidades e mobiliza o processo do saber e do conhecer, do aprender.” (PEREIRA, 2013, pg. 4).

O animal torna funcionais as competências alicerces (emoções, interações, relações sociais, construção cognitiva, imaginação e criatividade), que servem de base ao seu desenvolvimento e à regulação destas competências. Frequentemente, a vida animal é utilizada de diversas formas. No entanto, é exclusivamente no percurso acadêmico que se trabalha sobretudo a vida animal. (PEREIRA, 2013).

O educador/professor pode, caso a escola tenha condições, fazer uso de determinadas estratégias, como por exemplo a criação de animais “(...) para as estimular, canalizar e estruturar, dar-lhes vontade de compreender e de aprender, pôr em movimento as engrenagens e da motivação e da confiança” (MONTAGNER, 2004, p. 272-273, apud, PEREIRA, 2013).

Os pequenos animais têm a vantagem de poderem ser mantidos e criados numa creche, numa sala de aula, numa escola (...), a custo mínimo e sem grandes investimentos” (MONTAGNER, 2002, p.278 apud PEREIRA, 2013). Com isso, a autora traz que professores e educandos podem mobilizar-se para criar essas oportunidades e situações para o trabalho com os animais, relacionando-os com as crianças para que esses aprendam a cuidar de si próprios, desenvolvendo autonomia e responsabilidades, e independência.

De igual modo, facilita a apreensão da criança, permitindo adquirir quadros explicativos para outras situações mais distintas. Logo, possibilita que esta tenha acesso a realidades que não se limitam ao contexto imediato (LOPES DA SILVA, 1997, p. 79 apud PEREIRA, 2013).

De acordo com Freire (1996) e Freinet (1998) trabalhando o envolvimento da criança com o animal doméstico, articulando o conhecimento da criança com animal vivo que tem todas as suas necessidades levando a criança perceber que assim como com ela o animal tem sede, fome, sono, alternâncias de humor e outros elementos, tais como a documentação médica além de outras formas de criar empatia, gerando assim o respeito da criança para com animal e a vontade de cuidar deste animal proporcionando uma porta de entrada para o cuidado e o respeito com a natureza. (FREIRE, 1996, FREINET, 1998 apud BARROSO, 2018).

Barroso (2018), desenvolveu em sua classe um acompanhamento com crianças do primeiro ciclo da educação infantil onde levou animais como cachorro, coelho, calopsita e hamster às crianças. Possibilitando a oportunidade de fazer ciência, através da curiosidade, vivenciando as possibilidades de desenvolver suas capacidades de investigação, identificação e reflexão frente à situação que lhe é posta (BARROSO, 2018).

Quando levou o cachorro para que as crianças passassem o dia com ele, relatou que as crianças puderam observar as necessidades do cachorro, como dormir, comer, urinar e defecar, puderam brincar e alguns superaram seus medos do animal. Em um momento o

cachorro adormeceu no colo das crianças, e essas, abaixaram o tom de voz, respeitando o momento de descanso do animal. As crianças compreenderam a necessidade de manter o local limpo para o animal e em alguns casos, crianças que queriam passar o dia inteiro com o animal, ao final da atividade, já não tratavam mais o cachorro como boneco (BARROSO, 2018).

A hamster adoeceu, portanto, não foi levada para as crianças, e por isso, elas escrevem cartas de melhora a hamster, demonstrando compreensão da doença, da necessidade de acompanhamento médico e veterinário e de medicamentos. (BARROSO, 2018). Fazendo relações com o mundo externo e com a vida humana.

A calopsita, por ser muito frágil, passou poucos minutos com as crianças, aproveitando a oportunidade para trabalhar a questão da ave ser um animal que pode viver solto, na natureza, com a observação de pássaros no pátio da escola, trabalhando a liberdade dos animais. (BARROSO, 2018).

O coelho, logo que entrou na sala, entrou em uma toca e ali permaneceu. As crianças então perceberam a necessidade dele ficar em sua toca, pelos hábitos noturnos. E também perceberam que o coelho gostava de ser alimentado pelas crianças, mas não em excesso. (BARROSO, 2018).

Todo esse processo traz a aprendizagem de questões externas, questões de cuidado e manutenção da natureza e animais, a empatia desenvolvida nas crianças. Um olhar diferenciado a respeito de métodos de aprendizagem práticos.

Crianças e adolescentes hospitalizados

De acordo com Brum et al (2021), a hospitalização para crianças e adolescentes é um momento muito doloroso e traumático, pois afasta as crianças de suas atividades rotineiras e traz processos de dor e angústia, como exames p. e, e solidão no quarto de hospital. Há o afastamento de suas casas e famílias. E mudanças como a alimentação e as brincadeiras. Isso proporciona um certo tipo de agressão ao mundo da criança, sem a magia e sem o lúdico, os autores citam que cabe aos profissionais de saúde atentarem-se aos aspectos posteriores à internação e as oportunidades de retornarem isso a essas crianças.

Ainda, o estresse e a ansiedade demasiada, possuem capacidade para comprometer a saúde, não só de maneira psicológica, como também de forma fisiológica,

dificultando a sua capacidade de resiliência, causando mudanças em seu comportamento e prejudicando sua recuperação do processo de doença. Assim, percebe-se uma imperiosa necessidade de desenvolver, implementar e avaliar intervenções que possam minorar a tensão e o estresse infantil, como também melhorar a sua capacidade de lidar com os sentimentos e vivências negativas que permeiam a hospitalização e os procedimentos invasivos. (SILVA et al, 2017 apud BRUM et al, 2021).

Os autores relatam a necessidade de trazer novamente o lúdico, a brincadeira para essas crianças a fim de diminuir as características negativas da internação. Com o lúdico e as brincadeiras, possibilita-se o enfrentamento ao adverso, ao desconhecido, a humanização, adaptação ao processo e rotina hospitalar, promovendo um resgate do equilíbrio emocional do paciente e de sua família. (BRUM et al, 2021).

Nesse contexto, entende o uso de intervenções assistidas por animais (IAA), uma das técnicas que compõe a TAA, como o uso lúdico e de atenção à saúde.

“(…) A introdução da IAA na hospitalização de crianças e adolescentes, auxiliando na adaptação do ambiente, minimização de traumas que podem ser desencadeados pela hospitalização, e aliviando a ansiedade, dor, estresse e medo dos procedimentos.” (BRUM et al, 2021, pg. 7437).

Os registros do levantamento de estudos sobre o uso da IAA e TAA em pacientes hospitalizados trouxeram dados tais quais: mudanças nos parâmetros vitais, diminuição da dor, do medo e ansiedade da hospitalização e dos procedimentos médicos (BRUM et al, 2021). A TAA pode promover a saúde física por meio de três mecanismos, a saber: diminuição da solidão, depressão e ansiedade; regulação dos efeitos do sistema nervoso simpático; e aumento do estímulo para a prática de exercícios. (LIMA; SOUZA, 2018, apud, DE BRUM et al, 2021).

Foi realizado um experimento numa coleta de sangue, sendo dois grupos, o experimental e o de controle. O grupo experimental durante a coleta teve a participação de um cão, no qual obteve como resultado paciente mais calmos durante o processo da coleta, e quanto a dor sentida em ambos os grupos, não houve resultado significativo, mas o grupo experimental sofreu menos durante o procedimento. (BRUM et al, 2021).

Vaccari e Almeida (2017), realizaram uma pesquisa qualitativa em um hospital da rede privada da cidade de São Paulo, nesta participaram 13 crianças, com idades de 3 a 6 anos, elegidas pela elaboração de critérios de exclusão, alguns como: debilidade da criança e o não consentimento dos pais. O projeto de pesquisa nomeado como Pet Smile consistiu em, nos dias das visitas com animais, as autoras aplicavam um momento recreativo de desenho com as crianças envolvidas no projeto, e após esse momento de descontração, os animais

chegavam nas salas de recreação em suas caixas de passeio, e enrolados em suas toalhas, eram soltos e colocados nas camas das crianças ou em seus colos. As crianças podiam acariciá-los, encostar neles e alimentá-los. Logo após o término das visitas, novamente a atividade com propósito recreativo de desenho era feito novamente com as crianças. (VACCARI; ALMEIDA, 2017).

Como resultados do processo, as autoras levantam: as crianças envolvidas no processo obtiveram prazer ao manusear e ter contato com os animais; Todos queriam tocá-los; Todos pareciam satisfeitos em cuidar, alimentar, tocar, os animais, segurá-los no colo, servindo como um momento de descontração e aprendizagem; Todos demonstraram interesse pelos animais; (VACCARI; ALMEIDA, 2017).

Como parte dos resultados em relação a internação das crianças, as autoras levantam melhoras significativas como: as crianças passaram a interagir de uma forma melhor com a equipe de saúde, demonstrando maior afinidade e intimidade, mostravam-se mais colaborativas nos procedimentos médicos e menos tímidas; Percebeu-se também que as crianças passaram a utilizar os desenhos como forma de expressão após a visita dos animais; O contato entre as demais crianças hospitalizadas também foi maior, permaneciam nas salas de atividades, brincando e conversando entre si, “uma delas, inclusive, que era bastante tímida, começou a sair do quarto e brincar com as outras crianças somente depois da visita dos animais”. (VACCARI; ALMEIDA, 2017, pg. 114); Passaram a cooperar mais com os serviços médicos, como as sessões de fisioterapia; Obtenção do alívio da dor e desconforto; “Vale citar, ainda, o caso de uma criança que se apresentava bastante desconfiada e assustada em relação aos profissionais e, após a visita dos animais, passou a chorar menos durante os procedimentos, como na administração de medicamentos endovenosos, por exemplo, demonstrando maior confiança nos adultos à sua volta”. (VACCARI; ALMEIDA, 2017, pg. 115).

Portanto, a visita dos animais propicia momentos felizes às crianças, que se esquecem dos traumas da hospitalização por algum tempo, guardando em suas memórias lembranças boas da convivência com eles. (VACCARI; ALMEIDA, 2017).

A companhia dos animais pode afastar a dor, a tristeza e o medo, mesmo que temporariamente, preenchendo o vazio da solidão. Também favorece o desenvolvimento de sentimentos positivos, a troca de afeto e a sensação de conforto e bem-estar, à medida que propicia o estabelecimento de um vínculo com as pessoas. A distração que eles proporcionam tem um efeito reparador e renovador (DOTTI, 2005, apud, VACCARI; ALMEIDA, 2017).

A diminuição do aborrecimento e do sentimento de solidão e isolamento, assim como a melhora da socialização, que são alguns dos objetivos alcançados pela terapia assistida por animais segundo a literatura, também foi observada entre as

crianças deste estudo. (VACCARI; ALMEIDA, 2017). Essa atividade contribui para que os pacientes se tornem menos desinibidos, favorece a expressão de sentimentos e reduz a ansiedade (DOTTI, 2005; KAWAKAMI, NAKANO, 2002, apud, VACCARI; ALMEIDA, 2017).

No Brasil, em abril de 2019, no Hospital das Clínicas de Belo Horizonte, foi desenvolvido o projeto “Amigo pra Cachorro” no qual quatro alunas, em parceria entre a faculdade de medicina veterinária UFMG e o Hospital das Clínicas, disponibilizaram a ala pediátrica do hospital para receber a visita de três cães terapêuticos.

Eles iam de recém-nascidos até adolescentes de 17 anos, alguns em tratamento oncológico e outros com contato reduzido com o mundo exterior. Uma paciente chegou a chorar quando viu os animais chegarem. Além da equipe médica e veterinária, algumas crianças estavam acompanhadas pelos pais, os quais elogiaram bastante a iniciativa. (ESCOLA DE VETERINÁRIA UFMG, 2019).

O projeto foi capaz de levar amor e criar novos laços com as crianças do espaço. O projeto acabou sendo benéfico tanto para as crianças e pais, como funcionários do hospital, relata uma das professoras envolvidas. (ESCOLA DE VETERINÁRIA UFMG, 2019). Uma das alunas relata que a atividade ainda não havia sido desenvolvida apenas pela falta de conhecimento das pessoas a respeito desse tipo de terapia com animais. Mas que ao chegarem lá com os animais, foram totalmente bem recepcionados e todos aproveitaram a sessão. (ESCOLA DE VETERINÁRIA UFMG, 2019).

O sucesso foi tamanho que cada vez mais tutores estão procurando o projeto para serem voluntários com seus cães, assim como alunos da Escola de Veterinária estão querendo fazer parte dele. O grupo pretende expandir o projeto para outros hospitais, entretanto, é necessário primeiro a estabilidade do mesmo, incluindo alguns processos mais burocráticos. (ESCOLA DE VETERINÁRIA UFMG, 2019).

Figura 16: Crianças e Adolescentes do projeto “Amigo pra Cachorro”.



Fonte: Escola de Veterinária da UFMG, 2019.

Figura 17: Projeto Amigo pra Cachorro.



Fonte: Escola de Veterinária da UFMG, 2019.

Crianças com D.I. (Deficiência Intelectual)

Ainda no campo educacional, o animal é uma preciosa ajuda terapêutica e re-educativa para pacientes com deficiências. (VIVALDINI, 2011, p. 25, apud, ROVARIS; LEONEL, 2018).

A autora, em seu estudo acerca da TAA como uma proposta de inclusão, pautou que as crianças participantes com deficiência intelectual obtiveram como benefício dessa prática educativa o aumento da autoestima, desenvolvimento da coordenação

motora, estimulação da linguagem oral, e estímulo da socialização. (ROVARIS; LEONEL, 2018).

Capote (2011) constatou em seu estudo sobre como a TAA poderia influenciar o desenvolvimento psicomotor da criança com deficiência intelectual, que as contribuições para os participantes foram maior motivação, seguimento de regras, alegria, tranquilidade e atenção. As crianças participantes ainda disseram que as atividades que mais gostaram foram jogar bola e brincar com o Luke, o cãozinho terapeuta. (CAPOTE, 2011 apud ROVARIS; LEONEL, 2018).

De acordo com Mendonça (2014), crianças com deficiência intelectual, que utilizam a TAA, apresentaram desenvolvimento nas funções físicas, melhorias nas atividades mentais no ambiente escolar, estímulo da memória e conseqüentemente avanço na aprendizagem. (MENDONÇA, 2014 apud ROVARIS; LEONEL, 2018). Dessa maneira, Dotti (2014) afirma que o animal pode exercer o papel de catalisador, que expõe a criança a diferentes situações, e assim a mesma cria um senso de si, autocontrole, respeito e gentileza. Ainda o mesmo autor pontua que a interação criança-animal é inata, pois os gestos, a curiosidade, o afago e o contato um com o outro tem significância além das palavras. (DOTTI, 2014 apud ROVARIS; LEONEL, 2018).

No contexto escolar foi observado por Oliveira (2007) que professores ao receberem animais em suas salas de aula notaram efeito tranquilizante em seus alunos, com mais intensidade nos alunos que apresentavam dificuldades de aprendizagem e comportamento; melhorando o comportamento, a concentração e a autoestima com conseqüente diminuição do estresse. (OLIVEIRA, 2007 apud ROVARIS; LEONEL, 2018).

A pessoa com deficiência intelectual possui condições estruturais e funcionais que comprometem a adaptação ao ambiente e a ampla aquisição de informações. (SANTOS, 2012).

Portanto, os dados apresentam que, referente às condições comprometidas de adaptação ao ambiente e aquisição de informações de pessoas com D.I., a TAA auxilia em processos como na dificuldade de aprendizagem, concentração na escola, na autoestima dessas pessoas, desenvolvimento motor, e socialização e linguagem oral, dentre outras.

Capacitação Profissionalizante no Sistema Carcerário

De acordo com Jucá e Cruz (2019), duas unidades prisionais de Taubaté, município do interior de SP, no Vale do Paraíba, firmaram uma parceria entre a Secretaria da Administração Penitenciária (SAP), a 1ª Vara de Execuções Criminais (VEC) da Comarca de Taubaté, o Conselho da Comunidade de Taubaté e a Prefeitura da cidade, instalando dentro da Penitenciária “Dr. Tarcizo Leonce Pinheiro Cintra” um canil para abrigar até 200 cães de rua. Já no Centro de Detenção Provisória “Dr. Félix Nobre de Campos” foi instalado um gatil que comporta até 50 gatos de rua. Os dois abrigos contam com espaços coletivos e individuais, áreas para vacinação, banho, tosa e depósito de materiais. A iniciativa proposta tem como

objetivos além de abrigar e comportar esse grande número de animais que podem ser resgatados de maus tratos das ruas, auxiliando o controle e a demanda do CCZ, Centro de Controle de Zoonoses taubateano, proporciona também um meio de estudos de cursos profissionalizantes aos internos como proposta de conhecimento e capacitação profissionalizante. Os detentos aprendem a dar banho, tosar e técnicas de cuidados com esses animais, que passarão pelo processo de vermifugação, vacinação e castração e estarão disponíveis em feiras de adoção organizadas com entidades parceiras. Os internos também tem acesso a palestras internas sobre comunicação e comportamento animal. Os internos podem aprender sobre comportamento animal. E serve como projeto de ressocialização, demonstrando sinais de melhoras emocionais que o contato e os cuidados entre homem-animal está proporcionando a esses animais e aos internos. O diretor do CDP de Taubaté, Claudio José do Nascimento Brás, acredita que exista uma troca positiva muito grande entre os reeducandos e os animais. (JUCA; CRUZ, 2019).

Alguns dos felinos abrigados no gatil já estavam nos arredores do presídio, mas eram agressivos, arredios e não interagiam com as pessoas. Agora, sob os cuidados dos detentos, já estão mais dóceis, menos agitados e aceitando a presença humana com mais naturalidade, avalia o diretor, que ainda destaca uma mudança visível no comportamento dos internos. Até mesmo os presos que trabalham em outras frentes na unidade demonstram afeto pelos animais, reflete (JUCA; CRUZ; 2019).

Já de acordo com Melo (2019), a ideia do projeto foi da juíza Sueli Zeraik de Oliveira Armani, da 1ª Vara das Execuções Criminais de Taubaté tem como objetivo também diminuir a pena dos presidiários. A cada três dias de serviços oferecidos aos animais, um dia da pena é decrescido. Foram selecionados detentos de bom comportamento, desses, doze foram escolhidos e o canil já conta com 33 animais e o gatil com 24 animais. De acordo com o diretor técnico do CDP, Cláudio José do Nascimento Brás: Percebemos que tanto os animais quanto os presos ficam mais calmos, interagem melhor com as pessoas, aumentam a autoestima, riem mais, se comunicam melhor, ficam mais expansivos e receptivos (MELO, 2019). O diretor técnico da P1 de Tremembé, André Bolognin traz: Através dos animais, você trabalha senso de responsabilidade e afetividade. Devolvemos o preso à sociedade ele estando melhor do que entrou. O projeto vem totalmente de encontro a essa nossa missão (MELO, 2019). De acordo com a juíza responsável pelo projeto de ressocialização, que já pretende ampliar a iniciativa para outros presídios:

Esse amor incondicional dos animais é exatamente o que os presos precisam, para que tenham uma chance de reintegrar e voltar para o convívio social. O que é tão fácil com os animais, já é algo inato a eles, no ser humano não, é preciso ser cultivado. Para gente isso é difícil, sobretudo em indivíduos que estão segregados (MELO, 2019).

Considerações Finais

Esta revisão evidenciou, portanto, que a TAA vem sendo cada vez mais estudada e desenvolvida dentro dos campos das áreas de saúde, inclusive pelos profissionais de Psicologia, e pode de fato proporcionar eficiência terapêutica em diferentes níveis, pois o envolvimento emocional com os animais traz benefícios biopsicossociais em todas as faixas etárias, em doenças psiquiátricas, doenças físicas, síndromes, entre outros, e estendendo-se, inclusive, ao longo da vida dos pacientes que utilizam as técnicas.

Ainda há poucos estudos na área, ainda mais quando em abordagens e em níveis específicos, como houve certa e pequena dificuldade ao encontrar materiais online, como por exemplo, o uso de TAA em adolescentes. O conhecimento a respeito ainda é pequeno, e ainda há pouca introdução das práticas devido à dificuldade as barreiras de aceitação do uso e presença de animais em meios estéreis como em hospitais e outros locais de atenção à saúde, e com pacientes já debilitados, mesmo que seja seguido todo o protocolo de regras do animal da TAA.

Através desse trabalho é possível relatar a eficiência e os pontos positivos da prática, da interação entre homem-animal, através da cientificidade e comprometimento ético da TAA. É necessário que haja mais estudos nessa área a fim de normalizar esta prática e para que cada vez mais instituições conheçam a importância e aceitem a utilização de tal. E a partir da prática da TAA, é interessante, o princípio que através do uso, cada município investisse em pesquisa e desenvolvimento na área e pudesse utilizar animais em situação de rua para compor a equipe de animais utilizados nas práticas, assim, seria investido em ciência, projetos, em cursos capacitantes, técnicos, ou de graduação para todas as faixas etárias e ainda sim seria uma forma de ajudar animais em situação de diversas vulnerabilidades vivendo nas ruas ou em superlotação em centro de zoonoses ou grupos de proteções de animais, assim provendo um lugar de acolhimento, comida, banhos, remédios, castração, vacinações, acompanhamento veterinário, afeto, amor e carinho.

Referências

- A VOZ DA SERRA, Jornal. Nise da Silveira: ela foi pioneira na pesquisa das relações emocionais entre pacientes e animais. In: **Nise da Silveira: ela foi pioneira na pesquisa das relações emocionais entre pacientes e animais**. [S. l.], 24 out. 2014. Disponível em: <http://acervo.avozdaserra.com.br/noticias/nise-da-silveira-ela-foi-pioneira-na-pesquisa-das-relacoes-emocionais-entre-pacientes-e>. Acesso em: 18 mar. 2021.
- ABDO, Humberto. 6 reflexões para entender o pensamento de Carl Jung. In: **6 reflexões para entender o pensamento de Carl Jung**. [S. l.]: Humberto Abdo, 23 fev. 2017. Disponível em: <https://revistagalileo.globo.com/Ciencia/noticia/2017/02/6-reflexoes-para-entender-o-pensamento-de-carl-jung.html>. Acesso em: 19 mar. 2021.
- ABRAHÃO, Fabiana; CARVALHO, M. C. **EDUCAÇÃO ASSISTIDA POR ANIMAIS COMO RECURSO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO REGULAR E ESPECIAL - UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**. Rio de Janeiro RJ: Revista Científica Digital da FAETEC, 1. sem. 2015. Disponível em: <https://docplayer.com.br/19081374-Educacao-assistida-por-animais-como-recurso-pedagogico-na-educacao-regular-e-especial-uma-revisao-bibliografica.html>. Acesso em: 3 abr. 2021.
- ABREU, C. C. et al. **Atividade assistida por animais no Lar Augusto Silva**. Lavras/MG: UFLA, 2008. Disponível em: <http://www.proec.ufla.br/conex/ivconex/arquivos/trabalhos/a114.pdf>. Acesso em 30/04/2021.
- ALMEIDA, M. L. et al. **ASPECTOS PSICOLÓGICOS NA INTERAÇÃO HOMEM - ANIMAL DE ESTIMAÇÃO**. Conference: IX Encontro interno & XIII Seminário de Iniciação Científica, Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/336221784_Aspectos_Psicologicos_na_interacao_Homem_-_Animal_de_estimacao. Acesso em: 10 abr. 2021.
- ALVES, Rafael. Homens e animais: uma história de amor e evolução. In: **Homens e animais: uma história de amor e evolução**. [S. l.], 3 ago. 2010. Disponível em: <https://hypescience.com/homens-e-animais-uma-historia-de-amor-e-evolucao/>. Acesso em: 26 mar. 2021.
- ANDRADE, A. A; TEODORO, Maycoln. **Família e Autismo: Uma Revisão da Literatura** Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte, MG, Brasil. Contextos Clínicos, 5(2)133-142, julho-dezembro 2012 © 2012 by Unisinos - doi: 10.4013/ctc.2012.52.07. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cclin/v5n2/v5n2a08.pdf>. Acesso em: 18/03/2021.
- APROBATO, N. F.; **Fidelidade e traição entre cães e seres humanos**. Scientific American Brasil, São Paulo, n. 56 p. 51-59,[2013]. Edição especial Vida Animal. Disponível em: <https://sciam.com.br/fidelidade-e-traicao-entre-caes-e-seres-humanos/>. Acesso em: 24/04/2021.
- BARKER S.B., Dawson K.S. **The effects of animal-assisted therapy on anxiety ratings of hospitalized psychiatric patients**. Psychiatr Serv. 1998 Jun;49(6):797-801. Doi: 10.1176/ps.49.6.797. PMID: 9634160.
- BARROSO, R. J. G. **FAZER CIÊNCIA: CUIDADO E RESPEITO COM ANIMAIS DOMÉSTICOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**. 2018. Monografia (Pós Graduação em

Especialização e educação) - INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DIVULGAÇÃO EM CIÊNCIAS (EDIV), Vila Velha, 2018. Disponível em: https://vilavelha.ifes.edu.br/images/stories/files/tccs/ediv/2019/ifes_ediv2019_rosana_jorge_gomes_barroso.pdf. Acesso em: 12 jun. 2021.

BASTOS, F. F. **Acompanhamento terapêutico (AT) terapia assistida por animais (TAA) e psicologia fenomenológica: diálogos para uma prática integrada sustentada pelo conceito mundo-da-vida**. Orientador: Jean Marlos Pinheiro Borba. 2018. 85 p. Monografia (Bacharelado em Psicologia) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018. Disponível em: <https://monografias.ufma.br/jspui/bitstream/123456789/3054/1/FELIPE-BASTOS.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2021.

BERGER, Faraco, et al. **Terapia mediada por animais e saúde mental: um programa no Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência em Porto Alegre - TAA Parte III**. Saúde Coletiva [Internet]. 2009;6(34):231-236. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=84212106001>. Acesso em: 16/05/2021.

BERZINS, M. A. V. S.. **VELHOS, CÃES E GATOS:: INTERPRETAÇÃO DE UMA RELAÇÃO**. Orientador: Elisabeth Frohlich Mercadante. 2000. (Mestrado em Gerontologia) - PUC SP, São Paulo, 2000. Disponível em: <https://olhe.org.br/biblioteca/020-velhos-caes-e-gatos-interpreta-relacao-integral.pdf>. Acesso em: 22 maio 2021.

BUENO, Chris. **Relação entre homens e animais transforma comportamentos dos humanos e dos bichos**. Cienc. Cult., São Paulo, v. 72, n. 1, p. 09-11, Jan. 2020. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252020000100004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 28 Abr. 2021. <http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602020000100004>.

CAETANO, E. C. S. **As contribuições da TAA – terapia assistida por animais à psicologia**. 2010. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) Curso de Psicologia, Universidade dos Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2010. Disponível em: <https://doczz.com.br/doc/758433/as-contribui%C3%A7%C3%B5es-da-taa-%E2%80%93-terapia-assistida-por-animais-%C3%A0>. Acesso em: 15/05/2021.

CAMPIGOTTO, Hack, et al. (2017). **Cães terapeutas: a estimulação de crianças com Síndrome de Down**. Unoesc & Ciência - ACHS, 8(2), 151–158. Recuperado de <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/achs/article/view/13190>. Acesso em: 03/03/2021.

CASTELLI, P. HART, L. A.; ZASLOFF, R. L. **Companion cats and the social support systems of men with AIDS**. Psychol Rep, Center of Animals in Society, School of Veterinary Medicine, University of California, v. 89, n. 1, p. 177-187, aug. 2001. Disponível em: <https://silo.tips/download/as-contribuioes-da-taa-terapia-assistida-por-animais-a-psicologia>. Acesso em: 05/05/2021.

CERQUEIRA, M. R. (2013). **Contributo para a compreensão da importância da relação entre crianças e animais: Um cão no jardim-de-infância** (Dissertação de Doutorado). Disponível em: <http://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/13902>. Acesso em: 15/05/2021.

CHAVES, E. C. **ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO: uma abordagem psico-sociológica da concepção dos idosos**. Orientador: Maria Irismar de Almeida. 2006. Dissertação (Mestrado de Saúde Pública) - Centro de Ciências da Saúde, da Universidade Estadual do Ceará,

Fortaleza - Ceará, 2006. Disponível em:

http://uece.br/cmasp/dmdocuments/edmarachaves_2006.pdf. Acesso em: 17 abr. 2021.

CIÊNCIA, Divulga. Divulga Cientista – **Nise da Silveira**. 9 mar. 2015. Fotografia.

Disponível em: <https://wp.me/p5zFTh-ew>. Acesso em: 22 mar. 2021.

CIVITA, M. **Benefícios da terapia assistida por animais da espécie canina na saúde humana**. Brazilian Journal Of Veterinary Research And Animal Science”.; Morumbi, p. 1-20. 10 ago. 2011. Disponível em: <https://arquivo.fmu.br/prodisc/medvet/mc.pdf>. Acesso em: 28/05/2021.

COPETTI, F., MOTA, C. B., GRAUP, S., MENEZES, K. M. & VENTURINI, E. B. (2007). **Comportamento angular do andar de crianças com Síndrome de Down após intervenção com equoterapia**. Rev. bras. fisioter., São Carlos , v. 11, n. 6, p. 503-507, Dec. 2007.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-35552007000600013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21/05/2021.

DE BRUM , C. R. et al. **Intervenção assistida por animais na hospitalização de crianças e adolescentes: uma revisão integrativa da literatura** / Animal assisted intervention in children’s and adolescents hospitalization: an integrative literature review. Brazilian Journal of Health Review, Curitiba, v. 4, n. 2, p. 1-22, 1 mar. 2021. DOI DOI:10.34119/bjhrv4n2-285. Disponível em: <<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/27740>>. Acesso em: 5 jun. 2021.

EISENSTEIN, E. **Adolescência: definições, conceitos e critérios**. Adolesc Saude.

2005;2(2):6-7. Disponível em: < http://adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167> Acesso em: 05/06/2021.

EM FOCO, PCD. Dica de Filme: **Nise – Coração da Loucura**. PCD em foco Online LTDA-ME 2017. Fotografia. Disponível em: <https://pcdemfocoblog.com/nise-o-coracao-da-loucura-retrata-a-pratica-da-terapia-ocupacional/>. Acesso em: 23 mar. 2021.

FARACO, C.B.; SEMINOTTI, N. **A relação homem-animal e a prática veterinária**.

Revista CFMV Ano x-n.32. p. 57-62. Brasília (2004). Disponível em:

<https://certidao.cfmv.gov.br/revistas/edicao32.pdf>. Acesso em: 14/04/2021.

FRAGOSO, M. J. P. et al. **Os benefícios da Terapia Assistida por Animais: uma revisão bibliográfica**. Saúde Coletiva [en linea]. 2007, 4(14), 62-66. ISSN: 1806-3365. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=84201407> . Acesso em: 17/05/2021.

FRIEDMAN, E. K. A, L. J, THOMAS, S. **Animal companions and one-year survival of patients after discharge from a coronary care unit**. Public Health Reports 1980; 95:307-312. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1422527/?page=1>>. Acesso em: 07/04/2021.

GARCIA, M. P. **CLASSES DE COMPORTAMENTOS CONSTITUINTES DE INTERVENÇÕES DE PSICÓLOGOS NO SUBCAMPO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE PSICOTERAPIA COM APOIO DE CÃES**. 2009. Dissertação de Mestrado (Mestre em Psicologia) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA, Florianópolis, 2009. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92255/266260.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 1 maio 2021.

GEBARA, Marcelle. **Conheça o caso de Beth Thomas**. [S. l.], 7 jul. 2021. Disponível em: https://www.instagram.com/tv/CRB4IUiDrlY/?utm_medium=share_sheet. Acesso em: 7 jul. 2021.

GIUMELLI, R. D; SANTOS, Marciane Cleuri Pereira. **Convivência com animais de estimação: um estudo fenomenológico**. Rev. abordagem gestalt., Goiânia , v. 22, n. 1, p. 49-58, jun. 2016 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672016000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 28 abr. 2021.

HACK A.A.C. & SANTOS E.P. 2017. **Cães terapêuticos: a estimulação de crianças com Síndrome de Down**. Unoesc & Ciência-ACHS 8, 151-158. Disponível: <<https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/achs/article/view/13190>>. Acesso em: 22/04/2021.

HEIDEN, J., & SANTOS, W. (2012). **BENEFÍCIOS PSICOLÓGICOS DA CONVIVÊNCIA COM ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO PARA OS IDOSOS**. *Ágora : Revista De divulgação científica*, 16(2esp.), p. 487–496. Doi: <https://doi.org/10.24302/agora.v16i2esp.138>. Acesso em: 12/04/2021.

INATAA. **TERAPIA COM CÃES. Intervenção assistida por animais**. 2021. Fotografia. Disponível em: <<https://www.inataa.org.br/nosso-trabalho/intervencao-assistida-por-animais/>>. Acesso em: 29 maio 2021.

JIMENEZ, X. O. et al. **Terapia asistida por perros en el tratamiento del manejo de las emociones en adolescentes**. *Summa psicol. UST* (En línea), Santiago , v. 9, n. 2, p. 25-32, 2012 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0719-448X2012000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 06 jun. 2021.

JOFRE, M. L. **Animal- assisted therapy in health care facilities**. *Rev. chil. infectol.*, Santiago , v. 22, n. 3, p. 257-263, Sept. 2005 . Available from http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0716-10182005000300007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 maio 2021. <http://dx.doi.org/10.4067/S0716-10182005000300007>.

JORGE, S. S. et al. **Contribuições das intervenções assistidas por animais para o desenvolvimento de crianças**. *PubVet* , [s. l.], v. 11, n. 11, ed. ISSN 1982-1263, 2018. Disponível em: <http://www.pubvet.com.br/artigo/5304/contribuiccediltildees-das-intervenccediltildees-assistidas-por-animais-para-o-desenvolvimento-de-crianccedilas>. Acesso em: 1 maio 2021.

JUCÁ, Kelma; CRUZ, Pierre. **Animais abandonados abrem portas da ressocialização para presos do regime semiaberto: Presos do regime semiaberto passam por treinamento sobre comportamento animal para atuar com cães e gatos abandonados**. *In: Unidades prisionais da região de Taubaté ganham abrigos para animais abandonados: Presos do regime semiaberto passam por treinamento sobre comportamento animal para atuar com cães e gatos abandonados*. Corevali, 4 out. 2019. Disponível em: <http://www.sap.sp.gov.br/noticias/not1507.html>. Acesso em: 26 ago. 2021.

KAWAKAMI, C. H. et al. **Experiment report: animal assisted therapy (AAT) - another resource in the communication between patient and nurse**. In: BRAZILIAN NURSING COMMUNICATION SYMPOSIUM, 8., 2002, São Paulo. Proceedings online... Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – USP. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000052002000100009&lng=en&nrm=abn. Acesso em: 21 maio 2021

KOBAYASHI, C. T. et al. **Desenvolvimento e implantação de Terapia Assistida por Animais em hospital universitário**. Rev. bras. enferm., Brasília, v. 62, n. 4, p. 632-636, ago. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672009000400024&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 08 maio 2021. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672009000400024>.

LAMPERT, Manoela. **Benefícios da relação homem-animal**. Orientador: Sueli Rackziegel. 2014. 24 p. Monografia (Graduação em medicina veterinária) - Universidade Federal do Rio Grande do sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/104881/000940550.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 mar. 2021.

LIMA, M., & SOUSA, L. (2004). **A Influência Positiva dos Animais de Ajuda Social**. Interações: Sociedade E As Novas Modernidades, 4(6). p.156-174. Disponível em: <https://interacoes-ismt.com/index.php/revista/article/view/106>>. Acesso em: 21/05/2021.

LOPES, Marcos. **Humanismo necessário em tempos intolerantes**. 24 nov. 2017. Fotografia. Disponível em: <https://valor.globo.com/eue/noticia/2017/11/24/humanismo-necessario-em-tempos-intolerantes.ghtml>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

MACHADO, J. de A. C. et al. **TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS (TAA)**. Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária, São Paulo, n.10, p. 1-7; 2008. Disponível em: <http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/yBDakPBzygjagIw_2013-5-28-12-0-12.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2021.

MACIEL, L. H. S. G.; GOMES, L. I. **OS BENEFÍCIOS DA TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS: um novo recurso para psicologia**. Coromandel, v. 3, ed. ISSN 2595-0061, nov 2018. Disponível em: <https://ojs.fccvirtual.com.br/index.php/REVISTA-SAUDE/article/view/219/164>. Acesso em: 24 mar. 2021.

SOU MÃE. **A terapia com animais na adolescência**. 12 jun. 2020. Fotografia. Disponível em: < <https://soumamae.com.br/terapia-animais-adolescencia/>>. Acesso em: 5 jun. 2021.

MATTEI, M. L. M. et al. **Benefícios da Terapia Assistida por Animais em Idosos**. MICTI, Santa Rosa do Sul, p. 1-4, 11 nov. 2015. Disponível em: <http://eventos.ifc.edu.br/wpcontent/uploads/sites/5/2015/10/BENEF%C3%8DCIOS-DA-TERAPIA-ASSISTIDA-POR-ANIMAIS-EM-IDOSOS.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2021.

MELO, Rafael. Animais abandonados abrem portas da ressocialização para presos do regime semiaberto. In: **Animais abandonados abrem portas da ressocialização para presos do regime semiaberto**. [S. l.], 18 nov. 2019. Disponível em: <https://razoesparaacreditar.com/detentos-animais-pena/>. Acesso em: 26 ago. 2021.

MELSON, G. F. (2003). **Child Development and the Human-Companion Animal Bond**. American Behavioral Scientist, 47(1), 31–39. 10.1177/0002764203255210 Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/238335076_Child_Development_and_the_Human-Companion_Animal_Bond>. Acesso em: 19/05/2021.

NOBRE, M. de O. et al. **PROJETO PET TERAPIA: INTERVENÇÕES ASSISTIDAS POR ANIMAIS- UMA PRÁTICA PARA O BENEFÍCIO DA SAÚDE E EDUCAÇÃO HUMANA. PROJETO PET TERAPIA: INTERVENÇÕES ASSISTIDAS POR ANIMAIS- UMA PRÁTICA PARA O BENEFÍCIO DA SAÚDE E EDUCAÇÃO HUMANA**, [s. l.], v. 22, 2017. DOI [HTTPS://DOI.ORG/10.15210/EE.V22I1.10921](https://doi.org/10.15210/EE.V22I1.10921).

Disponível em:

<<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/article/view/10921>>. Acesso em: 2 maio 2021.

NOGUEIRA, M. T. D. et al. **TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA PARA CRIANÇAS QUE APRESENTAM O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**. Revista Gepesvida 50. Edição Especial. Disponível em: <<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida/article/view/368>>. Número 13. Volume 5. 2019-2. ISBN: 2447-3545. Acesso em: 28/05/2021.

PAPALIA, D.E., OLDS, S.W. & FELDMAN R.D. (2006). **Desenvolvimento físico e cognitivo no jovem adulto. Desenvolvimento Humano** (pp. 515-549). Porto Alegre: Artmed. Disponível em:

https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/265645/mod_resource/content/1/Papalia_desenvolvimento-humano_12ed.pdf. Acesso em: 05/06/2021.

PAUL, E. S.; SERPELL, J. A. Childhood Pet Keeping and Humane Attitudes in Young Adulthood. In: **CHILDHOOD Pet Keeping and HUMane Attitudes in Young Adulthood**. Animal Welfare, Vol.1, N. 2, p. 321-337. New York: Lantern Books, 2008. cap. 14, p. 149-160. Disponível em:

<<https://webs.wofford.edu/williamsnm/back%20up%20jan%204/hum%20101/childhood%20pet%20keeping%20and%20attitudes.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2021.

PECELIN, A. et al. **Influência da fisioterapia assistida por animais em relação à cognição de idosos – estudo de atualização**. ConScientiae Saúde, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 235-240, 2007. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/saude/article/view/1075>. Acesso em: 06/05/2021. DOI: <https://doi.org/10.5585/conssaude.v6i2.1075>.

PEREIRA, D. M. L. **Estudo do Meio: os animais no âmbito da Educação Pré-Escolar e do Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico**. In: LUÍS, Dulce Marlene Pereira. Estudo do Meio: os animais no âmbito da Educação Pré-Escolar e do Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Orientador: Carlos João Peixoto Cardoso de Oliveira Gomes. 2013. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico) - UNIVERSIDADE DOS AÇORES DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, Angra do Heroísmo, 2013. Disponível em: <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/2878/1/DissertMestradoDulceMarlenePereiraLuis2013.pdf>. Acesso em: 30 maio 2021.

PORESKY R.H. & HENDRIX C. 1989. **Companion Animal Bonding, Children's Home Environments, and Young Children's Social Development**. In: Proceedings of the 21st National Biennial Meeting of the Society for Research in Child Development, pp. 27-30, Kansas City, MO, USA. Disponível em: <<https://eric.ed.gov/?id=ED312087>>. Acesso em: 16/05/2021.

PUREWAL, R., CHRISTLEY, R., KORDAS, K., JOINSON, C., MEINTS, K., GEE, N., & WESTGARTH, C. (2017). **Companion Animals and Child/Adolescent Development: A Systematic Review of the Evidence**. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 14(3), 234. 10.3390/ijerph14030234 Disponível em: <https://www.mdpi.com/1660-4601/14/3/234/htm>. Acesso em: 19/05/2021.

RAMOS, A. M. de O. **Animais de estimação & Saúde Mental de adultos e idosos em tempo de Covid-19. 2021**. Dissertação de mestrado (Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde) - Instituto Universitário da Maia, [S. l.], 2021. Disponível em: <https://repositorio.ismai.pt/bitstream/10400.24/1442/1/Tese%20Ana%20Margarida%20Ramos.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2021.

ROMANZOTI, Natasha. **O amor mais sincero: moradores de rua com seus cães são prova de que os animais são os melhores amigos do homem**. [S. l.]: Natacha Romanzoti, 14 ago. 2014. Disponível em: <https://hypescience.com/moradores-de-rua-caes/>. Acesso em: 17 mar. 2021.

ROVARIS, J. D. de L., & LEONEL, W. H. dos S. (2018). **TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS NO AUXÍLIO AO PROCESSO EDUCACIONAL DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL**. *Revista Cesumar – Ciências Humanas e Sociais Aplicadas*, 23(2), 341. <https://doi.org/10.17765/1516-2664.2018v23n2p341-357>

SAN JOAQUÍN, M.P.Z. **Terapia assistida por animales de compañía. Bienestar para el ser humano**. *Temas de Hoy* 2002:143-9. Disponível em: <<http://www.psicoterapiaequina.cl/pdf/Terapia%20asistida%20por%20animales.pdf>>. Acesso em: 15/04/2021.

SANTOS, D. C. O. **Potenciais dificuldades e facilidades na educação de alunos com deficiência intelectual**. *Educação e Pesquisa* [online]. 2012, v. 38, n. 4 [Acessado 15 Junho 2021], pp. 935-948. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-97022012000400010>>. Epub 26 Nov 2012. ISSN 1678-4634. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022012000400010>. Acesso em: 25/04/2021.

SOARES, A. R. **A Psicologia no Brasil**. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 30, n. spe, p. 8-41, Dec. 2010. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000500002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 maio 2021. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000500002>.

SVENSSON, A.S. 2014. **The impact of the animals on children's learning and their development—A study of what children learn from and with pets: The example of dog and cat. problems of education** 59, 77-85. Disponível em: <http://www.scientiasocialis.lt/pec/node/898>. Acesso: 26/05/2021.

TATIBANA, L. S. & COSTA-VAL, A. P. (2009). **Relação homem-animal de companhia e o papel do médico veterinário**. *Revista Veterinária e Zootecnia em Minas*, n. 103. p. 12-17. Disponível em: <http://www.crmvmg.gov.br/RevistaVZ/Revista03.pdf>. Acesso em: 25/05/2021.

VACCARI, A. M. H.; ALMEIDA, F. de A. **A importância da visita de animais de estimação na recuperação de crianças hospitalizadas**. *Einstein*, v. 5, n. 2, p. 111-116, 2007. Disponível em: <http://apps.einstein.br/revista/arquivos/PDF/419-Einstein5-2_Online_AO419_pg111-116.pdf>. Acesso em: 05/06/2021.

VAIANO, Bruno. **Desenhos rupestres mostram cachorros adestrados há 10 mil anos: A descoberta, feita na Arábia Saudita, mostra que os povos locais usavam cães para caçar - e já conheciam até a coleira.** 21 nov. 2017. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/desenhos-rupestres-mostram-cachorros-sendo-adestrados-ha-10-mil-anos/>. Acesso em: 15 mar. 2021.

ESCOLA DE VETERINÁRIA. **"TERAPEUTAS CANINOS" AJUDAM NA RECUPERAÇÃO DE PACIENTES NO HOSPITAL DAS CLÍNICAS. "TERAPEUTAS CANINOS" AJUDAM NA RECUPERAÇÃO DE PACIENTES NO HOSPITAL DAS CLÍNICAS.** Belo Horizonte - MG, 10 abr. 2019. Disponível em: https://vet.ufmg.br/noticias/exibir/4734/terapeutas_caninos_ajudam_na_recuperacao_de_pacientes_no_hospital_das. Acesso em: 12 jun. 2021.

VICÁRIA, Luciana. **A cura pelo bicho: Terapia com animais ajuda a enfrentar algumas doenças, como depressão e paralisia cerebral.** 272. ed. [S. l.]: Época notícias, 1 ago. 2003. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG59207-6014,00-A+CURA+PELO+BICHO.html>. Acesso em: 25 abr. 2021.

VILELA, A. M. J. **História da Psicologia no Brasil: uma narrativa por meio de seu ensino.** *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 32, n. spe, p. 28-43, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000500004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 07 maio 2021. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000500004>.

VIVALDINI, V. H. (2011). **Terapia Assistida por Animais: Uma abordagem lúdica em Reabilitação clínica de pessoas com deficiência intelectual** (Dissertação de mestrado em Psicologia da Saúde). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/946/94622764019.pdf>. Acesso em: 21/05/2021.

VETERINÁRIA XANADU. **Relações que curam: Dra. Nise da Silveira.** In: *Relações que curam: Dra. Nise da Silveira.* [S. l.], 27 jan. 2015. Disponível em: <http://www.veterinariaxanadu.com.br/animais-que-curam-dra-nise-da-silveira/>. Acesso em: 18 mar. 2021.

ZASLOFF RL, K. A. H. **Loneliness and pet ownership among single women.** *Psychol Rep.* 1994 Oct;75(2):747-52. doi: 10.2466/pr0.1994.75.2.747. PMID: 7862783. Acesso em: 05/04/2021.